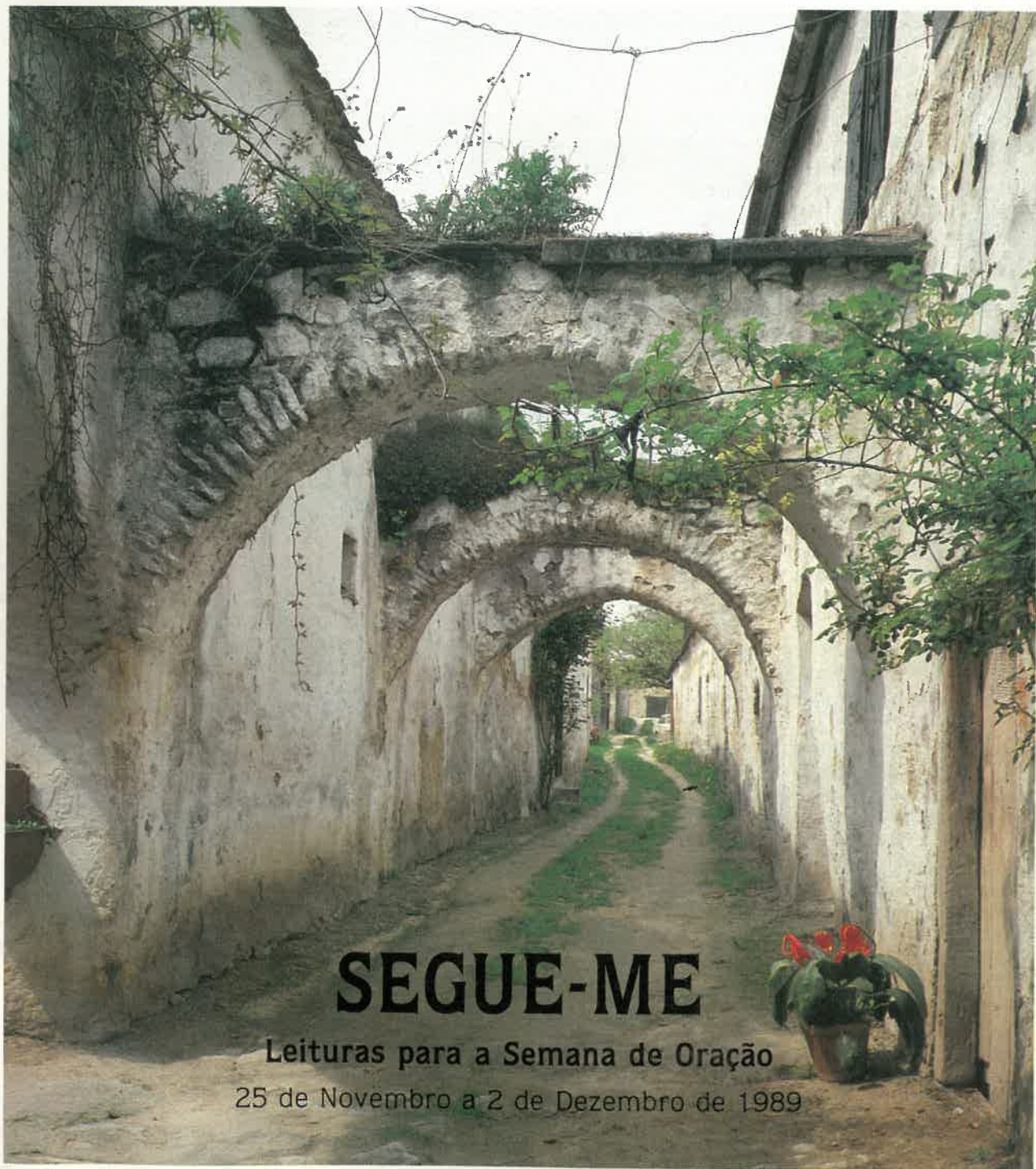


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Outubro 1989



SEGUE-ME

Leituras para a Semana de Oração
25 de Novembro a 2 de Dezembro de 1989

O Urgente ou o Importante?

Por NEAL C. WILSON

Autocolantes vermelhos contendo a palavra URGENTE em letras maiúsculas pretas marcam várias vezes as mensagens e documentos que chegam à minha secretária. Devo admitir que algumas vezes questiono a *importância* de alguns daqueles assuntos.

O pequeno livro de Carlos Hummel, intitulado *A Tirania do Urgente*, adverte-nos a não sacrificarmos o importante pelo urgente. O importante é sempre urgente, mas o urgente não é necessariamente importante. Não obstante o urgente capta tão facilmente a nossa atenção e energia.

O que é importante? Paulo sabia. Mas não foi sem esforço que ele manteve dia a dia as suas prioridades. «Porque nada me propus entre vós, senão a Jesus Cristo e Este crucificado» (I Cor. 2:2). A declaração de Jesus: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida» (João 14:6), responde a essa mesma questão em palavras diferentes. Compreendemos nós, a despeito da sua simplicidade, a importância destas palavras?

Quão importante é Jesus para nós? Quão frequentemente com a ajuda da palavra escrita, meditamos na Palavra feita carne? Quando é que «vimos» a última vez Jesus acariciar e abraçar uma criança que saltou para o Seu colo? Há quanto tempo ouvimos Jesus dizer-nos: «Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. ... Olhai para os lírios do campo, como eles crescem» (Mat. 6:25-28)? Quão frequentemente temos «contemplado» Jesus de pé perante Pilatos e «ouvido» a multidão clamando pela Sua morte? Quando foi a última vez que «caminhámos» com Ele para o Getsêmane e «vigiámos» com Ele pelo menos uma hora?

Há apenas uma maneira pela qual podemos focar Jesus, Aquele que é real-

mente importante. Não há atalho algum. Um hino familiar escrito por W. D. Longstaff resume isto de modo muito belo:

«Toma tempo para seres santo, Fala frequentemente com o teu Senhor; Habita sempre n'Ele, E alimenta-te da Sua Palavra. ...

Toma tempo para seres santo, O mundo precipita-se;

Despende muito tempo em secreto Com Jesus sozinho».

[É o Hino 463 do hinário *Cantai ao Senhor*, aqui em tradução mais literal para não fugir ao sentido da mensagem do Pastor Wilson].

Aprendemos a conhecer Jesus ao tomar tempo para estar com Ele em culto pessoal, familiar e público. Conhecê-l'O é amá-l'O. Amá-l'O é segui-l'O. E seguindo-O, preparar-nos-á para a eternidade, onde veremos face a face Aquele que é de capital importância, e estaremos com Ele pessoalmente e para sempre. Devemos estar com Ele hoje, se quisermos estar com Ele então.

Uma vez mais, o veículo para as leituras da Semana de Oração Anual é a *Revista Adventista*. Esta revista, preparada para a igreja mundial, desempenha um papel vital em nos manter unidos como povo. Desejaria apelar a cada família para fazer todo o esforço no sentido de assegurar que esta voz importante chegue à vossa casa *cada semana*.

[O Pastor Wilson refere-se aqui à *Revista Adventista Americana*, mas creio que o apelo se aplica muito bem à nossa *Revista Adventista Portuguesa*, que é mensal e não semanal].

As leituras deste ano convidam-nos a seguir as pisadas de nosso Senhor. Ao meditarmos nelas, oxalá venhamos a conhecê-l'O melhor, e conhecê-l'O é ter a vida eterna.

Neal C. Wilson é o presidente da Conferência Geral

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Outubro de 1989

Ano L • N.º 512

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 650\$00
Número Avulso 65\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

SEGUE-ME

Leituras para a Semana de Oração
25 de Novembro a 2 de Dezembro
Tradução de M. N. Cordeiro

- 3 **A Atracção de Cristo**
Por Neal C. Wilson
- 6 **Cobertura de Cobertor**
Por Gordon Bietz
- 8 **Cristo, nossa Luz**
Por Joel N. Musvosvi
- 10 **Cristo e a Vontade**
Por Karel C. Van Oossanen
- 12 **Cristo ou o Mundo?**
Por Kit Watts
- 14 **Religião Superficial**
Por Robert e Jacque Randall
- 16 **Cristo, Somente Cristo**
Por C. Dionísio Christian
- 18 **Cristo e a Eternidade**
Por Ellen G. White
- 21 **Seguindo a Jesus**
Semana de Oração das Crianças
Por Alice Lowe

Buscar andar diariamente com Ele

Uma mensagem dos oficiais da Conferência Geral.

por W. O. COE

Jesus, o nosso Senhor, fez a cada um de nós o convite: «Segue-Me». Nós aceitámos esse convite e escolhemos segui-l'O.

As leituras da Semana de Oração revêem os vários aspectos deste chamado, e lembram-nos, uma vez mais, que devemos «pôr de lado todo o obstáculo e o pecado que tão facilmente nos embaraça, e... correr com perseverança a corrida que está perante nós, fixando os nossos olhos em Jesus» (Heb. 12:1-2).

Creemos que as leituras desta Semana de Oração ajudarão a cada um de nós a unir-nos mais a nosso Senhor e a renovar o compromisso de «seguir-l'O» em cada aspecto das nossas vidas.

Na verdade, o tempo é curto. O nosso Senhor em breve voltará para levar para o lar aqueles que Lhe são fiéis.

W. O. Coe reformou-se recentemente como Vice-Presidente da Conferência Geral.

SÁBADO, 25 DE NOVEMBRO

A Atracção de Cristo

Uma reflexão sobre o Poder que nos atrai a todos

Por NEAL C. WILSON

Vemo-lo pela primeira vez no seu pequeno e apinhado gabinete perto do portão principal da cidade. Os seus agentes junto do portão mandam parar os cansados viajantes, camponeses que se dirigiam para o mercado, e insuspeitos turistas com o propósito de extorquirem deles impostos irrazoáveis e multas injustas. Aqueles que argumentam ou resistem são rotineiramente levados ao oficial dos impostos do governo. Por vezes o oficial é opressivo com os suspeitos transgressores e não hesita em usar de ameaças e vários métodos de extorsão.

Uma vez que ele tem «parte» na receita dos impostos juntamente com os oficiais superiores, ele goza de protecção policial. Com a sua astúcia e talento em ler o carácter, pouco acontece sem o seu conhecimento. Ele conhece todas as pessoas locais, e devido à sua posição, até os comerciantes que passam pela cidade têm de ser inspeccionados por ele. Usualmente eles deixam um pouco de si mesmos sob a forma de gratificação, e na realidade, não recebem qualquer recibo! Embora a profissão de collector de impostos não seja muito popular, ela tem as suas compensações. Além dos benefícios financeiros, há o sentimento de poder que tal profissão confere. Ele não é bem visto, evitam-no, não gostam dele e até o odeiam. Certamente que não é um bom candidato para se tornar um cristão!

O Ponto de Viragem

De repente aparece diante dele um Homem, diferente dos outros. Esta Pessoa não Se faz acompanhar de uma carga de mercadorias como um comerciante. Não apresenta o olhar astuto de um

evasor de impostos nem o olhar altivo de alguém que é considerado pilar da comunidade. Em vez disso, Ele possui uma expressão de domínio próprio, real, todavia acolhedora. Levi Mateus, o cobrador de impostos, encontra-se face a face com Cristo.

Mateus dificilmente acredita nas palavras que ouve. Jesus diz: «Segue-Me». Queres dizer isso mesmo? Deixar o meu negócio, os meus sacos de dinheiro, os meus relatórios, a minha subsistência, a minha reputação, a minha família? Sim, isso mesmo! A Bíblia diz: «Mais tarde, Jesus saiu e olhou directamente para um collector no seu gabinete. 'Segue-Me', disse-lhe Ele. E ele levantou-se, deixou tudo e seguiu-O» (Lucas 5:27, 28, Versão Philips). O que é que na atracção de Jesus, Levi Mateus, o publicano, não pôde resistir? O que é que existe em Jesus que atrai milhões de pessoas hoje, homens e mulheres, rapazes e raparigas? Porque é que pessoas através dos séculos têm estado dispostas a entregar as suas vidas em Seu nome?

Aparentemente, Jesus não possuía características físicas que O distinguissem da multidão. Acerca do rei Saul, lemos que «desde os ombros para cima sobressaía a todo o povo» (I Sam. 9:2), mas não lemos nada disto acerca de Jesus. De facto, o profeta Isaías disse que o Messias não teria beleza nem formosura física que O tornassem desejável (Isa. 53:2). Duvido que Mateus estivesse disposto a deixar o seu lucrativo negócio simplesmente para seguir uma face bonita. Mas há uma beleza encantadora que não está dependente, nem está limitada, à estatura física, à complexão ou cor da pessoa que a possui.

O Poder que Atrai

Jesus possuía um poder que simultaneamente tinha autoridade e encorajamento. Embora os Seus olhos fossem agudos e penetrantes, eram também, por outro lado, meigos, expressivos e simpáticos. As crianças pequenas sentiam-se bem na Sua presença, enquanto duros guardas do Templo estremeciam sob o Seu olhar. É-nos dito que a Sua voz era amável, modulada, suave, melodiosa, cheia de compaixão e mais rica do que qualquer música que mortais tenham ouvido. A Sua voz levou os cambistas e arrogantes governantes a obedecerem com total submissão, e em breve a Sua voz será ouvida, como o doador da vida, e com tal poder Ele ressuscitará os mortos ao chamar os santos que dormem de novo para a vida.

A personalidade de uma pessoa produz uma aura distintiva que às vezes parece quase tangível e tocável. Essa aura pode ser malevolenta ou majestosa, repulsiva ou arrebatadora. Jesus possuía uma personalidade que atraía pessoas de todos os meios de vida — operários e comerciantes, soldados de infantaria e centuriões, prostitutas e sacerdotes. A respeito da aparência de Jesus na sala de julgamento de Pilatos, lemos o seguinte, da pena de Ellen G. White: «Pilatos olhou para os homens que guardavam Jesus, e depois o seu olhar perscrutador pousou sobre Jesus. Ele tivera de tratar com todas as espécies de criminosos; mas nunca antes fora trazido à sua presença um homem ostentando as marcas de tal bondade e nobreza. Na sua face não viu nenhum sinal de culpa, nenhuma expressão de temor, nenhuma ousadia ou atitude desafiadora. Ele contemplou um homem de porte calmo e digno, cujo semblante não apresentava as marcas de um criminoso, mas a assinatura do céu.» (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 539; ed. popular, p. 693.)

O porte de Jesus era apenas uma manifestação daquilo que Ele era, o resultado natural do Seu carácter. Ele nunca fizera mal algum, por isso não carregava fardo algum de culpa. Não Se sentia perturbado com recriminação própria. Tinha uma missão, por isso era resoluto. Ele era o Filho de Deus, por isso conduzia-Se com dignidade. Amava as pessoas, por isso era comunicativo e aberto. As pessoas que eram atraídas para Jesus devido ao Seu porte, depressa descobriam que O estavam a seguir por

causa das Suas palavras e acções. Ele falava com profundidade, todavia sobre temas que os tocavam pessoalmente. Falava como alguém que tinha autoridade e como alguém que conhecia experimentalmente a Deus. Tinha respostas para as questões profundas da vida; Ele afastou a cortina para deixar vislumbrar o futuro; Ele forneceu indicações quanto à amorosa e solícita natureza de Deus.

E Jesus não falou apenas de conceitos filosóficos em termos teológicos. Ele encontrava-Se com as pessoas onde elas estavam. Falava das suas necessidades em frases retiradas da sua vida diária, e elas O amavam por isso. Amontoavam-se ao Seu redor para ouvir cada palavra — no deserto, se necessário, durante todo o dia, sem comida nem água. As Suas palavras eram comida e bebida para elas. E os milagres que Jesus realizava estavam muito longe da prestidigitação fraudulenta dos mágicos que realizavam a sua obra ambulante pelas ruas. Jesus nunca operou milagres para atrair a atenção para Si mesmo, e de modo nenhum para entreter. Jesus nunca deixava as pessoas da mesma maneira que as encontrava.

Quando Jesus realizava algo para além do habitual, era sempre com o propósito de ajudar a humanidade e glorificar a Deus. Jesus curou os doentes e reconstruiu os membros paralisados de paralíticos. Restabeleceu a vista a cegos, a fala a mudos, a audição a surdos. Ele ressuscitou mortos e proveu comida para esfomeados. Os Seus milagres não diziam: «Vêem o que Eu consigo fazer?», mas antes: «como é o vosso Pai celestial?» São estas as características que atraíam as pessoas para Jesus quando Ele Se encontrava aqui na Terra. Também elas nos atraem hoje.

Gostamos de ler as palavras das Suas parábolas. Os Seus discursos particulares com os discípulos e até as Suas orações parecem também ter sido feitas por nossa intenção. Colocamo-nos aos Seus pés para ouvir o Sermão da Montanha, pois a sua mensagem alcança o lugar onde vivemos hoje, como se Ele pudesse ler as nossas mentes. Na Verdade, temos mais razões para ser atraídos por Jesus do que Levi Mateus ou as multidões de Cafarnaum. Embora não O vejamos com os nossos olhos físicos, e a Sua personalidade apenas brilhe fuscamente das páginas das Escrituras, todavia temos muito mais que atrai as cordas do nosso coração.

Conhecemo-l'O Melhor

Da perspectiva do Tempo e da iluminação do Espírito Santo, podemos ver Jesus num quadro muito mais amplo. Sabemos que aquele que ordenou às turbulentas águas e aos ventos violentos do lago de Genesaré para se acalmarem, e à ameaçadora tempestade para se aquietar, foi o mesmo que pela Sua palavra trouxe os mundos à existência. Aquele que alimentou uma multidão com alguns poucos pães e peixes é o mesmo que faz crescer a semente e faz frutificar a videira. Foi Jesus que com o Pai criou os seres humanos à Sua própria imagem — que andou e falou com o primeiro casal no Éden. Foi Jesus que entrou numa relação de concerto com Abraão e conduziu os filhos de Israel para fora do Egito através do deserto árido para a Terra Prometida. No caminho, protegeu-os do intenso calor do sol com a refrescante coluna de nuvem, e de noite protegia-os da atmosfera do deserto, que por vezes se torna muito fria, mediante a coluna de fogo e de calor. Ele os forneceu de comida e água e os protegeu dos animais selvagens e das tribos pilhadoras.

Quando Mateus deixou a sua profissão para se tornar discípulo de Jesus, ele não tinha a mínima ideia do sacrifício que Este Estranho havia feito ao deixar o céu para tomar um corpo humano. Quando ele confiou o seu futuro a Jesus, não sabia que esse futuro atingiria até à eternidade. Jesus ainda não tinha tomado uma criança pequena nos Seus joelhos e dito: «Dos tais é o reino dos Céus» (Mat. 19:14). Ele ainda não havia convidado os meninos a virem a Ele, e ainda não havia dito aos discípulos: «Não os mandeis embora, mas trazei-os a Mim». Ainda não havia expulsado demónios de homens selvagens e prostitutas, ou restaurado e trazido de novo à vida uma menina pequena morta. Mateus não sabia estas coisas, todavia deixou tudo para trás e seguiu-O. Na verdade, nós que conhecemos muito mais acerca de Jesus do que Mateus deveríamos estar muito mais dispostos a responder ao chamado: «Segue-Me».

Mediante a inspiração da Palavra, partilhámos a acrimónia do momento quando Jesus atinge o cume do Monte das Oliveiras e contempla a cidade de Jerusalém estendida perante Ele, e chora ao antever a sua destruição devido à sua obstinação. Notamos a amargura na Sua voz ao revelar aos discípulos que Ele se-

ria traído por um dos Seus amigos. Estremecemos ao imaginar as vergastadas do chicote de nove pontas sobre as Suas costas nuas e a coroa de espinhos a perfurar-Lhe a fronte, sabendo que Ele suportou tudo isso por amor a nós, por vós e por mim. Observamos enquanto a rude e pesada cruz é lançada sobre os Seus ombros e depois ao ser Ele pregado sobre os seus rugosos troncos. Os nossos corações deixam de bater uma batida enquanto a cruz é lançada com um impulso para dentro do seu buraco. Ouvimos o Filho de Deus orar: «Pai, perdoa-lhes.» É por vós e por mim que Ele ora, assim como por aqueles que estão ao redor da cruz. É por vós e por mim que Ele aceita a terrível carga da culpa do mundo. É pelos homens e mulheres de todo o mundo, e especialmente por vós e por mim, que Ele abaixa a Sua cabeça e morre.

Jesus havia dito: «E Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim» (João 12:32), e nós sentimo-nos, na realidade, atraídos para essa Pessoa sobre a cruz. Essa Pessoa que é ao mesmo tempo patética e triunfante. Pois no Seu corpo, suspenso entre o Céu e a Terra, Jesus reúne o alienado; redime o cativo; exonera o perverso; escreve uma nova página no grande livro do amor de Deus. Ficamos extasiados pelas atrações inerentes de Jesus Cristo — pelo dinamismo da Sua personalidade, pela unicidade da Sua natureza.

Somos atraídos para Ele pela singularidade da Sua vida imaculada e pela universalidade do Seu incomparável sacrifício. Mas somos atraídos também para Ele por aquilo que Ele significa para nós individualmente, por aquilo que Ele fez, que está a fazer agora, e prometeu fazer. Ao aceitar a penalidade dos nossos pecados, Ele adquiriu para nós o direito à vida. Ele apanhou, por assim dizer, o golpe mortal que nos estava destinado e deixou-o cair sobre a Sua própria cabeça. Ao comprar a nossa redenção no Calvário, Jesus poderia ter dito, com efeito, à humanidade: «Eu morri pelos vossos pecados, e demonstrei que podeis viver sem pecado. Agora ide, mas não ouseis pecar de novo, ou de contrário não haverá qualquer esperança para vós.» Mas Jesus não fez isso. Ele conhece as nossas limitações, conhece a perversidade da natureza humana, e conhece o poder de Satanás, nosso adversário espiritual. Imediatamente após a Sua ascensão ao Céu, Jesus empreendeu a obra de mediar os be-

nefícios do Seu sacrifício em favor de cada pessoa. Ao nos arrependermos e, confessarmos os nossos pecados, Ele aplica-nos os méritos da Sua morte intercessória.

Mas Jesus não pára com o exonerar-nos dos nossos pecados passados mediante o Seu Representante pessoal, o Espírito Santo; Ele opera dentro de nós para mudar a nossa própria natureza e reconstrói o nosso carácter. Ele partilha connosco o poder que tinha para vencer o pecado. Não Se mantém afastado de nós, deixando-nos a lutar as nossas próprias batalhas. Ele caminha bem ao nosso lado para nos encorajar e mostrar o caminho. Mateus não conhecia todos os factos acerca de Jesus quando

*O que Jesus deseja...
é o louvor de um
coração obediente e
amorável.*

abandonou os seus livros de contabilidade sobre os impostos e a sua conta bancária para se tornar um discípulo, mas quanto mais tempo passou com Jesus e quanto mais aprendeu d'Ele, mais O veio a adorar. Aceitou Jesus como o Messias, e foi um dos que foram ordenados ao ministério evangélico. Mais tarde escreveu um Evangelho sobre o seu Senhor.

Porque O amamos

O mesmo acontece connosco — quanto mais conhecemos a Jesus, mais O amamos. Primeiro, amamo-l'O por aquilo que Ele fez por nós — a Sua morte na cruz, em nosso favor, e o Seu ministério na presença do Pai. Depois amamo-l'O por aquilo que Ele prometeu fazer — preparar-nos um lar no Céu e na nova Terra, onde poderemos ficar com Ele para sempre.

A princípio parece que esta espécie de amor não está muito longe do amor humano com o qual estamos tão familiarizados. Frequentemente amamos alguém devido ao que essa pessoa faz por nós, mas devemos compreender que o amor de Jesus é completamente diferente. Ele amou-nos enquanto éramos ainda pecadores. Ele ama-nos por nós mesmos, sem com isso desejar obter qualquer contrapartida ou benefício. Essa es-

pécie de amor divino — esse *agape*, amor centralizado nos outros — encontra e desenvolve uma irresistível resposta nos nossos próprios corações. Ele é amável e gentil; é generoso e longânimo. Ele está sempre presente e é compreensivo. Ele é o nosso irmão mais velho, o nosso companheiro, o nosso confidente, o nosso amigo. Amamos a Jesus acima e para além do facto de que Ele nos salvou e está preparando um lar eterno para nós. Nós amamo-l'O por aquilo que Ele é!

A Inspiração diz-nos que anjos adoradores mantêm as cortes celestiais retinindo com louvores e glória à divina Trindade. Também nós temos o privilégio de louvar a Deus o Pai, a Deus o Filho e a Deus o Espírito Santo, aqui na Terra e mais tarde, quando permaneceremos sobre o mar de cristal, perante o trono de Deus, então teremos harpas nas nossas mãos, que Deus nos dará, e cantaremos o cântico da vitória, o cântico de Moisés, e o cântico do Cordeiro: «Grandes e Maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus todo-poderoso, justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos» (Apoc. 15:3).

Surpreender-vos-ia se vos dissesse que não considero mesmo este cântico de vitória a mais importante espécie de louvor, nem considero que seja o que nosso Senhor mais anseia hoje? O que Jesus deseja acima de tudo é o louvor de um coração obediente e amorável, idêntico ao de Mateus. Jesus deseja que estejamos dispostos a deixar tudo e a levantarmo-nos e segui-l'O. Como podemos nós, vós e eu, resistir, com honestidade, à atracção de Cristo?

Perguntas para discussão

1. Como é que a atitude de Cristo para com Levi Mateus nos dá esperança a todos nós?
2. Mateus deixou prontamente a sua lucrativa ocupação como colector de impostos para seguir a Jesus. Que foi que o atraiu?
3. Que vantagem temos sobre Levi Mateus em chegarmos à decisão de seguir a Jesus?
4. De acordo com o nosso autor, qual é o louvor que nosso Senhor mais anseia hoje?

Neal C. Wilson é presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

Cobertura de Cobertor

Reflexões sobre a nossa segurança em Cristo

Por GORDON BIETZ

Lembro-me de quando era criança estar deitado na minha cama, na escuridão da noite, pensando em ladrões e assaltantes. Então cobria a minha cabeça com o cobertor como se isso me protegesse do mal. Bem no fundo da cobertura continuava ainda a ouvir ruídos que pareciam, ao meu espírito assustado, sons de um assaltante abrindo lentamente a minha janela. Eu mal conseguia respirar e aguardava ansiosamente que o cobertor abafasse os ruídos do meu coração ofegante.

Finalmente o ar viciado e a minha posição encolhida forçavam-me a sair lentamente de debaixo do cobertor. A primeira sensação de ar fresco dava-me coragem para emergir ainda mais amplamente. Sem nada à vista, o bater do meu coração afrouxava e os meus músculos relaxavam-se. Minutos depois, eu adorava.

Necessidade de segurança

O nosso mundo é um mundo aterrador — e não apenas para rapazinhos pequenos. Hoje toda a gente procura segurança. A insegurança física é bastante má, mas a insegurança espiritual é ainda pior. Uma vida cristã feliz depende de termos um senso de completa segurança espiritual. No mundo dos seguros, «cobertura de cobertor», como o nome sugere, segura tudo numa área particular da nossa vida. A nível espiritual nós também precisamos desta espécie de cobertura, este senso de completa segurança.

E a Bíblia oferece-a: «As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e Eu conheço-as, e elas Me seguem. E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão-de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu

Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de Meu Pai» (João 10:27-29).

Já alguma vez tivestes de seguir o carro de alguém por não saberdes o caminho? Vós vos mantivestes perto, sempre à vista dele. Se foi de noite, decorastes o padrão de reflectores traseiros para o distinguides de outros carros. Mentendes-vos perto nos cruzamentos, de modo a ter a certeza de passar o mesmo semáforo verde. O segredo de chegar ao destino desejado sem vos perderdes está na habilidade de seguir o carro à nossa frente.

Seguimos nós a Jesus com o mesmo cuidado?

Quando Jesus foi preso e levado perante o sumo sacerdote, Pedro seguiu-o «à distância» (Mat. 26:58). Quantos de nós O seguimos à distância — suficientemente perto para O ter debaixo da nossa vista, mas suficientemente longe para nada arriscarmos; suficientemente perto para retermos o nome de cristão, mas suficientemente longe para seguirmos o nosso próprio estilo de vida?

Seguir a Cristo é algo semelhante ao seguir um carro à nossa frente em território desconhecido. A nossa segurança reside em nos mantermos perto d'Ele. E nós mantemo-nos perto d'Ele ao aceitarmos o Seu dom de vida. Jesus diz: «E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão-de perecer» (João 10:28).

Temos sido cuidadosos em certificar-nos, nos nossos ensinamentos doutrinários, de que não desposamos a crença na imortalidade natural. Mas temos negligenciado indicar que quando recebemos a Cristo como Salvador, Ele nos dá nesse momento e nesse lugar a vida eterna. Essa *qualidade de vida* começa ho-

je para aqueles que seguem a Jesus. Há segurança nesta dádiva. Expressando isto nas palavras de Ellen G. White: «A vida em Cristo é uma vida de tranquilidade. Pode não haver êxtase dos sentidos, mas deve haver interiorizada no ser uma confiança serena. A vossa esperança não está em vós mesmos; está em Cristo. A vossa fraqueza está unida à Sua força, a vossa ignorância à Sua sabedoria, a vossa fragilidade ao Seu eterno poder.» (*Aos Pés de Cristo*, p. 74.)

A Grande Certeza

E agora a parte mais confortadora do nosso texto: «E ninguém as pode arrebatá-las da minha mão» (versículo 28 ú.p.). Isto é segurança!

Nós temo-nos desviado deste texto por causa daqueles que o interpretam como «uma vez salvos, salvos para sempre». Obviamente essa posição está errada, pois o Deus que morreu, em parte para preservar a nossa liberdade de escolher, não nos negaria essa liberdade depois de O aceitarmos. Mas enquanto continuarmos a dar-nos a nós mesmos a Ele, temos a certeza de que ninguém nos pode arrebatá-las da segurança que encontramos em Cristo. Somente nós nos podemos afastar dessa segurança. Enquanto permanecermos na mão de Deus, estamos seguros — temos «cobertura de cobertor». Não é vontade de Deus que caminhemos sobre uma insegura corda esticada para o Céu, incertos se sim ou não conseguiremos atravessá-la. Deus não nos convida a vir com confiança junto do Seu trono de graça (Heb. 4:16) para depois nos deixar preocupados se Ele nos aceita ou não. Jesus não diz: «Aquele que vier a mim não o lançarei fora» (João 6:37) para depois deixar aquele que vier num estado de incerteza.

João diz: «Estas coisas vos escrevi para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creiais no nome do Filho de Deus» (I João 5:13).

A razão primária para a nossa falta de segurança em Cristo reside na nossa compreensão da ocorrência do pecado na vida cristã. Devemos perder a nossa segurança cada vez que pecarmos?

Como é que uma pessoa lida com um caso de sarampo? Se a sua preocupação quanto à doença reside apenas na aparência, então ela vai e compra um bom creme facial. Mas se desejar lidar com

a própria infecção, então vai e compra o medicamento adequado para impedir o curso da doença.

Se vírmos o pecado apenas em termos de comportamento exterior, então tentaremos encobri-lo. Mas se o vírmos como uma doença, atacaremos a própria infecção. A salvação é uma relação duradoura, e não entra em curto-circuito cada vez que tenho um mau pensamento ou faço uma má acção. «O carácter é revelado, não por bons ou maus actos ocasionais, mas pela tendência das palavras e actos habituais.» (*Aos Pés de Cristo*, p. 62.)

Quando a nossa «cortina» cair, quer por acidente ou doença, o nosso destino final será determinado não por algum lapso momentâneo, mas sim pela direcção habitual das nossas vidas. A nossa segurança deriva da nossa relação de fé com Cristo.

Estamos nós a segerir que o comportamento é irrelevante para a salvação? Não! O comportamento é muito importante, pois o comportamento pecaminoso revela uma falta de fé vital, e tal fé é necessária para a salvação. Como diz Paulo: «Tudo o que não vem da fé é pecado» (Rom. 14:23). Mau comportamento é um sintoma da doença do pecado, e essa doença deve ser curada por Jesus — mediante o dar ouvidos à Sua voz, seguindo-O e recebendo a vida eterna das Suas mãos.

Quando eu era jovem, era geralmente bem comportado. O meu bom comportamento era motivado pela minha relação com os meus pais; eu não queria desapontá-los. Os regulamentos em si mesmos ter-me-iam estimulado a pecar, dada a minha natureza pecaminosa (Rom. 7:8), mas a minha relação com os meus pais eliciava um bom comportamento da minha parte.

O pensamento é repetido para lhe dar ênfase: «Meu Pai, que mas deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las da mão de meu Pai» (João 10:29). Também ninguém pode arrebatá-los das mãos de Cristo.

Já alguma vez tiveste um rebuçado ou uma pequena moeda na vossa mão e uma criança pequena a tentar abrir-vos a mão para o obter? A criança procura abrir um dedo de cada vez a fim de conseguir abrir a vossa mão. Mas a não ser que alivieis finalmente a mão, o rebuçado está seguro. Do mesmo modo estamos seguros na mão de Jesus e de Deus. Não depende da nossa realização perfeita, mas de manter o nosso foco so-

bre Aquele em cuja mão descansamos.

É algo parecido com um casamento; nem tudo é sempre perfeito num casamento. Mas se alguém vos perguntasse: «É casado?», não responderíeis «Eu espero que sim», ou «Estou a fazer por isso», ou «Tento sê-lo». Do mesmo modo, estamos casados com Cristo, e seguros n'Ele, até que escolhamos divorciar-nos.

Somos adoptados como filhos na família de Deus (Gal. 4). Diria um pai a um filho de 4 anos, que acabou de partir uma jarra: «Lamento muito, mas deixas de ser membro desta família; és cortado fora por causa do teu erro? Impensável! É o pecado acariciado que eventualmente nos separa da família, e isso remover-nos-ia da mão do nosso Pai celestial.

A nossa segurança deriva da nossa relação de fé com Cristo

Podemos viver com a segurança da cobertura de cobertor enquanto entretermos o Salvador nos nossos corações.

Era uma vez um pai que tinha dois filhos gémeos. A fim de prover para os filhos, o pai estabeleceu uma cláusula no seu testamento, segundo a qual eles teriam o dinheiro que precisassem, quando casassem. A cláusula estipulava também que os rapazes receberiam um carro novo, à sua escolha, quando fizessem 21 anos. O pai morreu antes dos filhos completarem 21 anos.

No dia em que completou os 21 anos, Tom, um dos gémeos, foi ter com o advogado que administrava o testamento e verificou as provisões do mesmo.

Não satisfeito com a verificação, dirigiu-se à biblioteca para fazer um estudo de pesquisa sobre legados e testamentos. Descobriu muitos casos em que testamentos, após contestação, tinham sido anulados. Essa informação preocupou-o. Estudou mais a fundo o assunto e em breve se tornou uma autoridade sobre o litígio de contestação de testamentos e legados. Descobriu muitas maneiras de anular testamentos, e com isso ficou cada vez mais inseguro acerca de beneficiar dos bens do seu pai.

Foi de novo ao advogado do pai e perguntou: «Foi o testamento reconhecido por um notário?» «Assinou o meu pai todas as páginas do documento?» «Há algumas páginas que ele não tenha assinado? «Quem foram as testemunhas?»

Depois de ter recebido respostas satisfatórias a todas as suas perguntas técnicas, fez mais algumas: «Houve algum familiar que procurou contestar o testamento ou adiar a sua execução?» A resposta foi negativa. «São os fundos do testamento suficientes para cobrir o custo de um carro novo?» «Perfeitamente», respondeu o advogado.

Mesmo assim o Tom continuava hesitante. Deveria ele arriscar?

Saiu da casa naquela noite bastante perturbado. Já passara um ano desde que completara os 21 anos, e as coisas não estavam a correr-lhe bem. Ainda não tinha o dito carro novo. Enquanto caminhava ao longo da rua, viu o seu irmão, que não via desde que o pai havia morrido. O seu irmão estava conduzindo um Mercedes-Benz.

— Onde compraste esse carro? — perguntou Tom.

— Porquê, com os fundos do testamento, com certeza! Não sabias? O advogado não te informou?

— Sim, — respondeu o Tom — mas nunca fiquei muito seguro a esse respeito. Como sabes há muitos testamentos que são contestados nos nossos dias.

— Escuta — disse Bil — o papá instruiu o advogado, no seu testamento, que a oferta do carro novo só tinha validade por um ano. Agora é demasiado tarde. O stand da Mercedes-Benz está fechado e o ano terminou também.

— Eu sabia que isto não ia dar certo, disse Tom. Eu sabia que alguma coisa de errado iria acontecer!

«A cobertura de cobertor» está disponível. Não espereis nem mais um dia. Aproveitai hoje o seu benefício.

Perguntas para discussão

1. Qual é a fonte da certeza cristã?
2. Às vezes, o cristão peca. Como é que isso afecta a sua certeza? Qual é a base escriturística para a vossa resposta? Lançam os escritos de Ellen G. White alguma luz sobre este assunto?

Gordon Bietz, é pastor da igreja Adventista do Sétimo Dia de Collegedale, Tennessee.

Cristo, nossa Luz

Para Iluminar e Transformar

Por JOEL N. MUSVOSVI

«Eu sou a luz do mundo» (João 8:12). Com esta afirmação, Jesus proferiu o segundo dos Seus grandes ditos «Eu sou». Nesta enfática declaração Ele fez uma profunda e insondável afirmação. Para aqueles que O ouviam, as palavras de Jesus eram plenas de significado. Elas lembravam o passado, o presente e o futuro.

O contexto era a Festa dos Tabernáculos, uma celebração que comemorava os 40 anos de vagueação pelo deserto. Juntamente com os sacrifícios especiais, havia duas cerimônias que marcavam esta festa.

Em primeiro lugar, havia o ritual da libação de água, que envolvia os sacerdotes irem buscar água do tanque de Siloé e derramá-la sobre o sacrifício. Isto simbolizava a abundância de água que Deus provera para o Seu povo no deserto. Depois havia o ritual de luz, que envolvia o acender de duas ou quatro colunas gigantes de quatro lâmpadas cada. Estas ficavam a 50 côvados (23 metros) de altura. Cada noite, as luzes destas colunas brilhavam sobre toda a Jerusalém, e havia música e alegria ao redor delas. Representavam a luz que dirigira Israel em todas as suas vagueações no deserto. A festa durava oito dias e era uma das três peregrinações dos Judeus.

Jesus fez a declaração de ser a «luz do mundo» dentro do recinto do Templo, onde era fácil para a Sua audiência, naquele momento, associar as Suas palavras com as cenas resplandecentes à sua volta. Assim como a luz daquelas maciças colunas cobria Jerusalém, do mesmo modo Jesus é a luz que brilha em todo o mundo.

Poder Activo

«Eu sou a luz do mundo.» A palavra *luz* contém o conceito dum poder activo que conquista o poder oposto chamado *trevas*. Cada poder se opõe um ao outro. No conflito inevitável, a luz triunfa sobre as trevas.

Muitas ricas associações de ideias devem ter surgido nas mentes das pessoas ao ouvirem a referência de Jesus à luz. No primeiro dia da criação, Deus dissera: «Haja Luz» (Gén. 1:3). Assim, o primeiro acto da criação durante aquela semana foi o surgimento da luz para dispersar as trevas. Deste modo, foi a um mundo iluminado com a luz divina que Deus trouxe ordem e propósito.

O apóstolo Paulo associa esta luz com a actividade regeneradora de Deus dentro de nós. «Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo» (II Cor. 4:6). Assim a palavra criadora de Deus, que no princípio ordenou à luz que brilhasse, é o mesmo poder criador que dispersou as trevas do pecado dos nossos corações.

O mundo, caído no pecado, encheu-se da apreensão de Deus. Satanás tem caracterizado a Deus como um ser tirânico e opressivo. Tem apresentado o caminho de Deus como restritivo à liberdade e felicidade do homem. Assim, o homem obteve a impressão de que a alegria podia apenas encontrar-se longe da presença de Deus. Servir a Deus foi visto como uma carga. Foi a um mundo como este que veio a luz de Deus através de Jesus. Jesus é a luz que revela a verdade acerca de Deus. A Sua vida e mi-

nistério permanecem como raios brilhantes, dispersando as trevas do erro.

Uma Luz Única

Nesta grande declaração «Eu sou», Jesus faz uma reivindicação autoritativa. Poderíamos parafraseá-la deste modo: «Eu Mesmo, e nenhum outro, sou a definida e expressa luz do mundo.» Jesus não é uma luz entre muitas luzes. Ele permanece como a luz definida pela qual tudo o mais é medido e examinado. Todas as filosofias e ideias devem ser avaliadas à luz de Jesus e da Sua Palavra. Na pessoa de Jesus vieram ao mundo a brilhante radiação da verdade, santidade, justiça e paz divinas. Luz e vida vieram a esta região de trevas e morte. Jesus não é uma opção entre muitas outras. Ele, e somente Ele, é a luz que nos deve iluminar o caminho. E a nossa única segurança está em habitar na Sua luz.

Enquanto que a luz cerimonial estava estacionária, Jesus é uma luz em movimento. «Quem Me segue não andarà em trevas» (João 8:12). A imagem dum luz em movimento, que devia ser seguida, lembra vividamente a experiência do Êxodo de Israel. Em todas as suas jornadas, eles foram guiados pela coluna de luz que iluminava tudo à sua volta e lhes indicava o caminho a seguir. Esta luz apareceu na noite do seu libertamento. Cada dia de viagem era para Israel a resposta à direcção da luz.

Também nós estivemos no cativeiro do pecado. Então apareceu a luz da salvação em Jesus. Ele deve ser o nosso guia para iluminar a nossa vida e alumiar a nossa vereda. Como a coluna de luz no deserto, Jesus é a luz que deve ser seguida. Cada pessoa que vem ao contacto com Ele tem de fazer uma decisão a Seu respeito. Não podemos ser neutros na nossa relação para com Ele. Encontrar a Jesus é como chegar a uma bifurcação numa estrada. Daquele momento em diante, ou devemos andar na luz ou nas trevas. Conhecer a Jesus é iniciar uma peregrinação cujo destino é a Canaã celestial. Conhecer a Jesus envolve uma entrega crescente e cada vez mais profunda à sua vida e missão. A luz brilhando na face de Jesus atrai-nos cada vez mais para cima até que atinja-mos a luz perfeita da Sua presença.

O êxodo de Israel foi um movimento corporativo. Eles moveram-se juntos em

unidade física. Como igreja, devemos tomar cuidado com o individualismo — a filosofia que afirma ser apenas da minha conta a minha vida espiritual e a maneira como vivo. Devemos mover-nos como um corpo corporativo. O apóstolo Paulo apela a que procuremos «guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz» (Efés. 4:3). E Jesus indicou que «nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros» (João 13:35).

O Altar da Família

Assim como o acompanhamento de Israel no Êxodo era iluminado pela coluna de luz, e como Jerusalém era iluminada pela luz das celebrações durante a Festa dos Tabernáculos, do mesmo modo os lares adventistas devem ser iluminados pela iluminadora presença de Cristo. Dentro dos nossos ocupados, e por vezes saturados programas, devemos encontrar tempo para ler a Palavra de Deus e ter o culto familiar matutino e vespertino. É dentro desta experiência de culto diário que Cristo Se torna a nossa luz, sensibilizando as nossas consciências e iluminando o nosso caminho.

O culto familiar deveria ser programado para uma hora específica e regular, de modo a tornar-se parte duma estabelecida rotina diária. O culto regular e cheio de significado une os membros da família com laços de lealdade que não serão fáceis de quebrar. Aprofunda o sentimento de pertença e resulta num saudável senso de identidade. Os pais são capazes de transmitir aos filhos os valores adventistas dentro do contexto do culto familiar. A família que se sinta regularmente na luz de Jesus não será facilmente dividida. É somente quando os membros individualmente e como unidades familiares estão andando activamente na luz que a igreja, corporativamente, tem um nível elevado de piedade prática.

Pouco depois de Israel ter deixado o Egipto, a luz guiadora de Deus começou a tomar uma direcção invulgar, seguindo um caminho a sudeste. Alguns historiadores pensam que exactamente naquela ocasião, um dos filhos de Faraó estava a regressar duma campanha militar na Palestina e que se Israel tivesse tomado o caminho normal para a Palestina, ter-se-ia encontrado com esse exército que retornava ao Egipto. Devemos compreender sempre por que razão a luz de Deus nos conduz em cer-

tos caminhos? Precisamos de saber por que razão a luz do Espírito de Profecia proíbe certas actividades? «Eu sou a luz do mundo; quem Me segue não andarão em trevas.»

O Custo do Discipulado

Seguir a luz é um empreendimento custoso. Como disse o Mestre: «Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me» (Mat. 16:24). A luz no deserto conduziu por vezes Israel em direcções contrárias à sua preferência. A luz condutora evitava frequentemente atalhos convenientes, conduzindo-os, vez disso, por uma vereda mais penosa e circundante. Deus esperava que Israel aprendesse a compreender que o Seu caminho, tipo meandro, é melhor e mais abençoado do que os bem calculados atalhos do homem. Nós devemos seguir a luz.

Seguir a Cristo significa frequentemente voltar as costas aos caminhos fáceis e convenientes, aos caminhos que se têm tornado aceitáveis ao mundo. O caminho iluminado nem sempre será fácil e conveniente, mas é sempre o melhor caminho.

Desenvolvendo Beleza e Simetria

A luz de Cristo infunde beleza ao nosso carácter. «Assim como a flor se volta para o sol, para que os seus brilhantes raios a ajudem a desenvolver a simetria e a perfeição, assim devemos nós também voltar-nos para o Sol da justiça, a fim de que a luz do Céu brilhe sobre nós e o nosso carácter seja transfor-

mado à semelhança de Cristo.» (*Aos Pés de Cristo*, p. 72). As flores não desenvolvem os seus matizes e cores mediante alguma actividade por elas gerada. Voltam-se simplesmente para o sol, e o milagre acontece.

Desejais beleza e simetria no vosso carácter? Ansiais uma vibrância que agora não possuíis? Ansiais uma fé calma e permanente? Despendei tempo a contemplar Jesus. Como indica o apóstolo Paulo: «Mas todos nós, com cara descoberta, reflectindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor». (II Cor. 3:18). Se focarmos as nossas mentes em Jesus, Ele transformará as nossas vidas.

A ética — a distinção entre o que é moralmente certo e o que é moralmente errado na conduta humana — tem-se tornado, nas nossas sociedades modernas, uma fonte de grandes preocupações. O mundo enfrenta uma crise de confiança devido a escândalos morais que envolvem dirigentes políticos e até religiosos, publicados em grandes títulos nos jornais diários, com incrível frequência.

Em que pé se encontra a igreja? Pode o mundo confiar em nós? A luz no mundo físico ajuda-nos a distinguir entre diferentes objectos. Cristo é a luz do mundo, e o comportamento cristão deveria ser avaliado e modificado pela luz que emana de Jesus.

Precisamos de permanecer na luz de Jesus, de modo a poder discernir claramente entre o que é certo e o que é errado. As nossas vidas devem ser vividas dentro da luz da Sua presença.

Perguntas para discussão

1. Qual foi o pano de fundo para a famosa declaração de Jesus «Eu sou a luz do mundo»? O que é que fez com que essa declaração fosse prontamente compreendida pelo povo?

2. Como é que o conceito de luz se relaciona tanto com a criação como com a redenção?

3. Que diferença se salienta entre a luz cerimonial e a luz verdadeira, tal como se encontra em Jesus? Qual é a implicação disso?

O culto regular e cheio de significado une os membros da família com laços de lealdade que não serão fáceis de quebrar.

Aprofunda o sentimento de pertença e resulta num saudável senso de identidade.

Joel N. Musvosvi é presidente do Departamento de Religião no Colégio de Solusi, Zimbábue, África.

Cristo e a Vontade

Escolhendo a estrada da vida contra todas as vantagens

Por KAREL C. VAN OOSSANEN

Uma das maiores ameaças de hoje ao Cristianismo no mundo ocidental é o que eu chamo o «mito da existência humana indolor».

O homem moderno requer muito da vida. Esperamos viver uma vida longa e saudável. Insistimos na prosperidade, na abundância e num padrão de vida sempre crescendo. Quando isto não acontece, reconhecemo-lo como uma injustiça. Sentimo-nos defraudados naquilo que é nosso por direito. A sociedade, pensamos, deveria tomar as medidas necessárias para assegurar que as nossas vidas sejam tranquilas e tão livres de dor quanto possível.

O problema é que as pessoas requerem isto não somente da sociedade, mas também de Deus — e às vezes mesmo da igreja. Deste modo sentem-se profundamente desapontadas quando, de acordo com a sua maneira de pensar, Deus não as protegeu dos infortúnios da vida, que consideram uma injustiça. A função primária de Deus nas suas vidas é salvaguardá-las da dor e do sofrimento. Assim, logo que os acontecimentos da vida entram em conflito com a sua pré-concebida ideia acerca de Deus, deslizam para a mais lógica conclusão — que Deus não existe.

Lavagem Cerebral

Aqueles que lerem cuidadosamente a mensagem do Novo Testamento descobrirão que este conceito de Deus entra em conflito com os ensinamentos de Jesus. Em Mateus 16:24, lemos: «Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me.»

Jesus diz aqui que se quisermos tornar-nos as pessoas que Deus deseja que

sejamos, então isso significa que devemos caminhar na mesma estrada que Jesus caminhou, e esta não é uma estrada isenta de tristeza e dor. Ellen G. White, quando comentou este texto, disse: «Aqueles que estão salvos devem viajar na mesma estrada sobre a qual Jesus jornada» (*manuscrito 105*, 1901). E esta «estrada» é muitas vezes a estrada da tortura e do tormento.

Ser um seguidor de Jesus de Nazaré é um processo de formação do carácter. É um processo de crescimento espiritual. E tal crescimento não pode ter lugar sem desconforto. Significa viajar ao longo duma estrada cheia de dores de coração e desespero. Cristo prometeu viajar connosco nesta estrada, e que estará ao nosso lado quando a tristeza e a dor afligirem as nossas vidas.

Um famoso psicólogo disse certa vez que dois terços dos doentes que buscam ajuda psicológica não deviam buscar tratar-se com um psicólogo, mas sim com um ministro de religião. O problema é que os tais não têm qualquer propósito na vida. Não sabem que estrada tomar — essa é a razão por que não estão conscientes dos sinais que encontram nas suas vidas. Têm sido tão submetidos a lavagens cerebrais no sentido de esperarem uma existência humana indolor que perdem o seu caminho na vida. Não compreendem que a dor e a tristeza podem ser sinais da escola da vida que os ajudará no seu crescimento espiritual. Em vez de se dirigirem, de joelhos, sozinhos a Deus, para Lhe pedirem que os ajude a interpretar melhor estes sinais de modo a fortalecerem o seu crescimento espiritual, correm para o médico, para o psicólogo ou o psiquiatra mais próximo para lhes aliviar a dor.

Dor psicológica e até doença real podem servir como um sinal das profundezas da nossa alma, dizendo-nos que algo não está bem com a nossa atitude para com a vida ou na nossa relação para com os nossos semelhantes. Jesus torna bastante claro na Sua Palavra que se tormarmos a nossa cruz e O seguirmos, a nossa perspectiva da vida será completamente diferente. Nas palavras de Ellen G. White: «Aqueles que erguem a cruz descobrirão que ao fazerem isto, a cruz os ergue, dando-lhes fortaleza de ânimo e coragem» (*Revien and Herald*, 13 de Julho 1905).

A Solução

Na presença de Jesus, as coisas parecem tomar uma nova dimensão. Por vezes, situações acabam por se tornar o oposto do que se esperava. Os discípulos acharam isto bastante perplexo: manter a vida perdendo-a, perder a vida mantendo-a. Quão estranho, quão ilógico para a mente humana!

Seguir a Jesus significa dar-nos a nós mesmos tão completamente a Ele que não mais possamos viver sem Ele. Algo morre dentro de nós, e nasce uma pessoa nova, e diferente. O apóstolo Paulo descreve esta experiência como «o nosso velho eu crucificado com Ele». Seguir a Jesus, viajar sobre a mesma estrada que Ele viajou, é descrito na Bíblia como «o Caminho». Nas palavras de Ellen G. White: «A cruz ergue-nos das baixas da terra, e leva-nos à mais doce comunhão com Deus» (*manuscritos*, 85, 1901).

O homem também pode escolher andar na direcção oposta. Pode seguir a estrada da futilidade. Mas ao fazê-lo, não se desenvolverá na pessoa que Deus tem em mente que ele seja, e, finalmente, falhará em atingir o alvo.

A palavra que é usada frequentemente no Velho Testamento para descrever o pecado é a palavra hebraica *chatah*. Significa, de facto, «falhar o alvo». Uma pessoa acaba no lugar errado. Talvez esta estrada pareça menos perigosa e que exige menos esforço. Isto deve-se ao facto de não nos ser requerido carregar uma cruz ao longo desta singular estrada.

Quando alguém decide não tomar a sua cruz e seguir a Jesus, deixa de se desenvolver na pessoa que se poderia

tornar-se tivesse caminhado ao longo da estrada com o seu Senhor. E isso não é uma consequência do destino ou cega coincidência, mas o resultado duma escolha deliberada. Tem a ver com a escolha da própria pessoa. Da disposição ou indisposição em caminhar na estrada e tomar a sua cruz. Se decidirmos seguir essa estrada e tomar a nossa cruz, então isso tornar-se-á o começo dum processo de aprendizagem que durará todo o resto da vida.

Em Mateus 11:28-30, Jesus apela-nos a que viajemos nessa estrada com Ele, e diz-nos bastante claramente o que tal significará: «Aprende de Mim». E na Sua palestra de despedida aos Seus discípulos, que se encontra relatada em João 15:19-27, Ele falou dos dois caminhos diferentes que podemos tomar: o Seu caminho ou o caminho do mundo.

O caminho de Cristo está consubstanciado nos mandamentos do Pai: «Tudo o que aprendi de Meu Pai, tenho-vo-lo feito saber». Jesus nunca foi mais explícito. Uma pessoa que não deseja caminhar ao longo da estrada com Ele não Lhe pertence. Está na estrada larga, na estrada errada, na estrada larga, que conduz ao destino errado. Ela conduz à morte e à perdição. Quando, por outro lado, uma pessoa escolhe a estrada estreita, a estrada da dor e do sofrimento, então tal pessoa é um verdadeiro seguidor de Jesus.

Na verdade vai de encontro à nossa tendência natural escolher a estrada mais difícil. Preferimos, por natureza, a vereda livre de perplexidades e tribulações. Deste modo, esta natureza, este «velho eu», como o apóstolo Paulo lhe chama, deve mudar. «Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis» (Rom. 8:13).

Paulo sentia-se muito intrigado com este assunto. Nas suas cartas missionárias, ele mostra bem a diferença entre a velha e a nova pessoa. E este é precisamente o contraste entre as duas estradas, descrito por Ellen G. White. Paulo descreve viajar na estrada larga sem Cristo, e seu fim inevitável, como se dirigido pelo caminho da «carne pecaminosa». Em contrapartida, Cristo conduz-nos ao longo da estrada, estreita, o caminho de «acordo com o Espírito», que conduz à vida. Em Gálatas 5:24-25, Paulo diz: «E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Es-

pírito, andemos também no Espírito.» Aqui ele fala das duas estradas diferentes. Elas são duas formas opostas de consciência.

A estrada que Cristo escolhe viajar com o homem é o caminho do Espírito. Romanos 8:5, 6 apresenta-o de forma muito clara: «Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o espírito para as coisas do espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do espírito é vida e paz.»

Manter a vossa vida, perdendo-a. Perdê-la mantendo-a. Quão estranho, quão ilógico para a mente humana!

Esta é a descrição das duas estradas que o homem pode tomar. A estrada estreita que conduz à vida eterna, e a estrada larga que conduz à morte. Jesus descreve-as claramente em Mateus 7:13. E é Deus quem está disposto e é capaz de nos conduzir ao longo da estrada estreita espiritual, se apenas estivermos dispostos a nos submeter a Ele. David menciona isto no Salmo 32:8: «Instruir-te-ei, e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir; guiar-te-ei com os meus olhos.»

Recebendo Directrizes

Se quisermos viajar ao longo desta estrada, como devemos então receber as nossas direcções e instruções? Isto faz-se pela oração. E a oração é uma comunicação de dois sentidos. Não é apenas falar — é acima de tudo escutar. Significa um encontro real com Aquele que nos revelou a imagem de Deus. Escutar a Deus é, acima de tudo, buscar a Sua voz no estudo da Sua Palavra. É aqui que «o caminho» é desdobrado. Mas é mais do que isso. Deve ser uma comunicação de dois sentidos ao longo

da estrada que conduz à vida eterna.

Vivemos hoje no período mais terrível da história humana. Estamos a viver no tempo do juízo pré-Advento no Céu. Cristo está a terminar o Seu ministério em favor da família humana e a dar os retoques finais do plano da salvação. Os tempos em que estamos a viver requerem um viver penitente, uma entrega e rendição diárias a Cristo.

«Vivemos hoje no grande dia da expiação. No cerimonial típico, enquanto o sumo sacerdote fazia expiação por Israel, exigia-se de todos que afligissem a alma pelo arrependimento do pecado e pela humilhação, perante o Senhor, para que não acontecesse serem extirpados dentre o povo. De igual modo, todos quantos desejem que o seu nome seja conservado no livro da vida, devem, agora, nos poucos dias de graça que restam, afligir a alma diante de Deus, em tristeza pelo pecado e em arrependimento verdadeiro. Deve haver um exame de coração, profundo e fiel» (*O Grande Conflito*, p. 392-393).

Precisamos de buscar a face do Senhor em diálogo de modo a que Ele nos conduza no Seu caminho. Devemos negar-nos a nós mesmos, tomar a nossa cruz, e segui-l'O ao longo desse caminho estreito que conduz à vida eterna.

Perguntas para discussão

1. Que decisão fundamental precisam de fazer aqueles que desejam seguir a Jesus?
2. Que conceito desenvolvido pelo apóstolo Paulo lança luz sobre a ideia das duas estradas mencionadas por Cristo?
3. O que é que dá urgência à necessidade de decidirmos a direcção das nossas vidas?

Karel C. van Oossanen é secretário da Divisão Trans-Europeia, com sede em St. Albans, Inglaterra.

REVISTA ADVENTISTA

Faça desde já a sua assinatura para 1990. Contacte a Sociedade Missionária da sua igreja ou a **Publicadora Atlântico, SA.** Apartado 40 • 2686 Sacavém Codex

Cristo ou o Mundo?

Encarando a escolha crucial

Por KIT WATTS

Ao deixar Cesareia de Filipo, Jesus sabia que os Seus passos O encaminhavam para uma direcção — Jerusalém. Ele estava a caminho da cruz.

Mas atrás d'Ele os discípulos arrastavam-se pela estrada fora. «No reino», argumentavam eles, «qual de nós será o maior?»

O mais triste de tudo era que nesse pequeno grupo residia a melhor esperança de Jesus de ser compreendido e de que a Sua missão não fracassaria. Poucos outros foram deixados.

João Baptista, que havia reconhecido e anunciado o Cordeiro de Deus, estava já morto. As pessoas da cidade de Nazaré, onde Jesus crescera, haviam-n'O expulsado duas vezes da sua cidade com as palavras: «Não é este o carpinteiro?» Como resume a Escritura: «Eles ofenderam-se d'Ele» (Marcos 6:3).

Como lobos, os dirigentes religiosos haviam seguido a Jesus, mordiscando os Seus calcanhares quando Ele desprezava as suas tradições. Mesmo seguidores que haviam comido do pão milagrosamente multiplicado para milhares, empalideceram quando Jesus lhes pediu para O aceitarem — para participarem d'Ele — como o Pão da Vida. «Este é um duro discurso», disseram, desertando-O.

Apanhado numa constante e apertada cilada de controvérsia, Jesus retirou-Se do ministério público. Os Seus dias estavam contados. Notara alguém quem Ele era?

O Enigma

De todos os escritores dos evangelhos, somente Marcos relata que, exactamente antes de Jesus Se retirar para

o norte, para Cesareia de Filipo, chegou junto dum cego em Betsaida. É uma história muito invulgar. O homem foi curado, não instantaneamente, mas por fases.

«E, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia; e cuspidolhe nos olhos, e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa. E, levantando ele os olhos, disse: Vejo os homens; pois os vejo como árvores que andam. Depois tornou a pôr-lhe as mãos nos olhos, e ele olhando firmemente ficou restabelecido, e já via ao longe e distintamente a todos» (Marcos 8:23-25).

No versículo 27, Marcos revela Jesus confrontando os Seus discípulos com a pergunta: «Quem dizem os homens que Eu sou?» E cada um deles respondeu: João Baptista, Jeremias, Moisés, Elias. Ou algum outro profeta. Há bastante especulação.

«Mas vós?» pressiona Jesus. «Quem dizeis vós que Eu sou?»

Durante três anos eles se haviam maravilhado perante as Suas poderosas curas, perante a Sua ardorosa autoridade, os Seus pronunciamentos místicos, as Suas orações, a Sua paixão para com os rejeitados da sociedade, os pecadores, os oprimidos e os pobres. Mas para eles os ensinamentos e histórias de Jesus continuavam a ser indefinidamente enigmáticos, tal como as Suas escolhas e acções — e, sim, quem era Ele?

Quase chocado com as suas próprias palavras, Pedro responde: «Tu és o Cristo» (Vers. 29). Mas também a sua vista está turvada. O Messias que ele concebe é um homem segundo o coração de David — um guerreiro, um rei.

Como uma Árvore Andando

A confissão de Pedro segue imediatamente ao relato da cura do homem cego de Betsaida. Desejo sugerir que ao colocar estas histórias umas a seguir às outras, Marcos nos fornece uma metáfora para compreendermos os discípulos que num dia diziam: «Este é o Cristo» e no outro se envolviam argumentando sobre qual deles seria o maior. Como o cego, os discípulos viam *alguma coisa*. Mas a sua visão estava nublada; eles viam o Messias, digamos, como uma árvore andando.

Embora animado mesmo por esta pequena amostra de reconhecimento, Jesus sabe que cataratas anuviam a visão dos discípulos. Inicia então a cirurgia sobre os seus falsos conceitos, dizendo: «O Filho do Homem deve sofrer muitas coisas e ser rejeitado... e... morto» (vers. 31).

A luz produz dor aguda nos olhos embaciados. Muito seguro de si mesmo, Pedro começa por *repreender* a Jesus, diz o texto. Ele não consegue compreender de modo nenhum um tal cenário. O Messias está confuso!

Jesus diz ousadamente: «Tu não compreendes as coisas de Deus, mas sim as coisas dos homens» (vers. 33). Reiterando que o Messias deve sofrer, acrescenta outro facto enigmático: todo aquele que O seguir sofrerá também.

Seguir a Jesus não é uma actividade académica. Começa ao dizer: «Tu és o Cristo», mas não termina aí. A fé deve calçar as sandálias para a caminhada. Seguir a Jesus é uma *acção*.

Jesus não nos engoda com uma pechincha; não há qualquer desconto no negócio do discipulado. Nem Ele nos coloca uma armadilha ou nos manipula. Embora Ele nos deseje ardentemente com Ele, o discipulado é uma questão de escolha nossa. Ele promete que o companheirismo será doce, que estará connosco em cada dificuldade e em cada momento de felicidade. Mas a jornada pode ser difícil, mesmo com risco de vida.

Este mistério, Ele o desdobra nas seguintes palavras: «Porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará.» (vers. 35).

Pode o perder ser bom e o ganhar ser mau? Pode o dar ser melhor do que receber? Podem as pessoas encontrar realmente o seu destino sobre tão extremos termos?

As palavras deixaram os confusos discípulos a rodar como um pião. E assim enquanto caminham com Jesus para Jerusalém, retraem-se na estrada, argumentando: «Quem será o maior no reino?» Eles são discípulos de visão parcial. *Não conseguem distinguir Cristo do mundo.*

A Glória do Senhor

Somente quando as suas esperanças são despedaçadas para além da possibilidade de recuperação, somente quando a luz da Ressurreição dissolve as suas cataratas como a desintegração numa bomba nuclear funde os elementos, somente então as palavras de Jesus penetram nas suas almas e electrizam os seus seres. Então, como o cego de Betsaida, «vêm tudo claramente.»

Eles vêem Jesus como Ele é: o *Senhor*, o proprietário e governador da vida, aqui e para sempre. Não apenas um profeta — mas Deus. Este é o *Deus* que penetrou na história e, no meio dela, abriu de par em par uma janela sobre uma transcendente realidade no além.

Quando eles reconhecem verdadeiramente a Jesus, o chamado para O seguir é irresistível! Arrebatados pela esplêndida e santa visão, correm com o evangelho. Os seus temores e dúvidas, as suas esperanças sobre o poder e a autoridade pessoais, tudo isso que outrora paralizava as faculdades da sua vista e obcecava a sua atenção, se desvaneceu. E naquele instante transformador de reconhecimento, eles vêem também o mundo tal como ele é — uma comodidade perecível.

Discípulos de Visão Parcial

Mas, 20 séculos depois da cruz e da Ressurreição, podemos *nós* ver a Jesus? Podemos ser enlevados com entusiasmo e coragem em vez de ficar desmaiados e confundidos pelas palavras de Jesus: «Porque qualquer que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, mas qualquer que perder a sua vida por amor de Mim e do evangelho, esse a salvará?»

Pois até que O vejamos tal qual Ele é, afligir-nos-emos quanto ao que havemos de comer, beber e vestir. Perturbar-nos-emos com muitas coisas — os nossos haveres e como segurá-los, os nossos investimentos e como protegê-los,

os nossos prazeres e como aumentá-los. Como os discípulos de Jesus, podemos ser incapazes de distinguir Cristo do mundo. Podemos também estar-nos acotovelando por uma posição no reino daqui e agora.

No nosso baptismo, demos o primeiro passo; dissemos: «Tu és o Cristo». Mas podemos ser ainda discípulos de visão parcial.

Duas coisas encorajadoras deveriam emergir do nosso estudo até aqui. Primeira, Jesus não espera até que O compreendamos completamente para nos chamar. Ele quer que andemos com Ele agora, embora falhos e curtos de vista como somos. *É na companhia de Jesus que temos esperança.*

Segunda, se nos mativermos chegados a Jesus, a revelação de Si mesmo e o Seu chamado ser-nos-ão contínuos. Ele manter-Se-á confrontando-nos incessantemente. *Se lho permitirmos, Ele conduzir-nos-á às crises que nos mudarão.* Ele pode despedaçar-nos com uma cruz, mas ressuscitar-nos-á para uma nova vida. Então «veremos tudo claramente». Tornar-nos-emos discípulos de convicção e de acção. Faremos as obras d'Aquele que nos enviou.

Chamado para Calcutá

A viagem de Madre Teresa para o discípulado oferece um exemplo moderno. Quando Malcolm Muggeridge escreveu um livro acerca dela em 1971, ela passara já mais de 20 anos «perdendo a sua vida pelo evangelho».

Não sendo cristão, Muggeridge escreveu estas palavras espantosas: «Ela deu-se a si mesma a Cristo, e mediante Ele ao seu próximo. Isto foi o fim da sua biografia e o começo da nossa vida.»¹

Agnes Gonxha Bojaxhiu nasceu em 1910 em Skopje, Jugoslávia, no seio de uma família feliz e não tinha qualquer desejo de vir a ser freira. Mas aos 12 anos sentiu o chamado de Jesus, ao ouvir falar da missão das Irmãs da Ordem Irlandesa de Loreto na Índia. Aos 19 anos chegou a Calcutá para ensinar as filhas dos ricos.

Do seu quarto no convento, contudo, ela olhava para o bairro pobre de Moti Jheel por cima da parede do convento de Santa Maria. Durante 17 anos aquela vista cada vez a perturbava mais. Finalmente, enquanto viajava de comboio para Darjeeling, em 1946, ela não mais pôde continuar alheia à situação. Deveria ela tomar esta cruz por Jesus?

Como Pedro, ela tinha visto Jesus como o Cristo. Mas agora era confrontada pela cruz numa nova e esmagadora maneira. Haveria uma resposta, uma ressurreição? O dia em que ela deixou o convento, em 1948, ela não se lembra; foi, diz ela, a mais difícil decisão da sua vida.

O chamado era aterrador. A irmã Bernarda, entre as primeiras que se uniram a Madre Teresa, explica: «Nós não éramos freiras comuns. O nosso trabalho era de uma espécie completamente diferente, entre pessoas consideradas sem valor e sem serem respeitadas pela sociedade. Que nós devêssemos gastar o nosso tempo e as nossas vidas a trabalhar para os mais pobres de todos, ajudando leprosos... como podia alguém compreender?»²

O chamado era irresistível. Milhares viviam com uma escassa tigela de arroz, apenas o suficiente para não morrerem de fome. Centenas morriam nas ruas. Tudo o que Madre Teresa pudesse oferecer seria apenas «uma gota de alívio num oceano de sofrimento.»³ Mas para ela, «o Cristianismo não é uma visão estática da vida.»⁴

Embora o chamado fosse definido, nenhum plano impresso caiu do Céu. Um amigo recorda que «quando ela estava ainda a atender os pobres desprezados, foi confrontada por um homem com o dedo polegar gangrenado. Era óbvio, que a única solução era cortá-lo fora. Assim ela pegou numa tesoura, e, uma pessoa pode imaginar, uma oração, e toca de cortar. O doente desmaiou para um lado, e a Madre Teresa para o outro.»⁵

Ao encontrar um homem a morrer na rua com feridas infestadas de gusanos, ela levou-o de taxi de hospital em hospital suplicando que o internassem. Quando até o próprio condutor do taxi os abandonou, Madre Teresa alugou uma cabana no bairro pobre e ela própria cuidou dele até à morte.

O seu discípulado levantou frequentemente oposição, ira e violência da parte de outros. Ninguém queria viver na casa ao lado dos moribundos. Ninguém queria que ela tratasse — e atraísse — leprosos para a sua vizinhança.

Ao observarem a maneira carinhosa como as Missionárias da Caridade cuidam das formas esqueléticas na actual famosa casa para moribundos sem nenhuns recursos, as visitas dizem a Madre Teresa que não fariam o que ela faz, nem por um milhão de dólares.

«Eu também não o faria por um milhão de dólares», responde ela. «Ou por dinheiro nenhum. Mas faço-o alegremente pelo amor de Cristo»⁶

Ela foi para os mais pobres dos pobres — a sua cruz — sozinha. Não se vê a si mesma como um modelo para outros, apenas uma discípula de Jesus. Hoje ela vive à luz da Ressurreição. Perdeu de 3 000 raparigas e rapazes tornaram-se Missionários de Caridade — em Londres, em S. Francisco, na Itália e na Coreia, na Venezuela e na Austrália.

E a sua obra demonstra como o discipulado se torna uma cadeia recíproca. Madre Teresa ministra não somente àqueles que estão morrendo de cólera, desnutrição e lepra, mas também aos pobres de espírito. Muitos das centenas de voluntários que afluem a Calcutá para passarem uma semana, um mês ou umas férias de Verão com os mais pobres dos pobres são pessoas bem nutridas, ambiciosas e habituadas aos confortos da vida. Mas muitos vêm com vidas arruinadas, mortos espiritualmente.

Há alguma esperança para eles? Madre Teresa põe-os «em contacto com as pessoas, pois nas pessoas eles encontrarão a Deus.»² Isto é o eco das próprias palavras de Cristo em Mateus 25.

Aqui está o mistério do discipulado. Se andarmos com Jesus, Ele levar-nos-á a ver quem na realidade Ele é. Ele conduzir-nos-á a um ponto decisivo — a nossa própria cruz — no qual podemos escolher ir com Ele ou voltar para trás; mas a cruz habilitar-nos-á a «ver tudo claramente», a distingui-l'O do mundo.

Se escolhermos seguir, ministrar aos famintos e sedentos, aos solitários e aos despiritualizados, até mesmo aos moribundos, tocaremos Cristo — e nós próprios seremos curados! Onde menos O esperamos, encontraremos a Ressurreição e a Vida!

«Porque qualquer que quiser salvar a sua vida perdê-la-á, mas qualquer que perder a sua vida por amor de Mim e do evangelho, esse a salvará.»

Perguntas para Discussão

1. Quão individualizado é o discipulado? São-nos dados a todos os mesmos dons, somos todos chamados para o mesmo ministério ou requiere-se que façamos os mesmos sacrifícios?

2. Que quis Jesus dizer quando disse que se quisermos ser Seus discípulos de-

vemos participar dos Seus sofrimentos? Distinga isto do Masoquismo (prazer na dor).

3. Reflecti sobre o vosso discipulado pessoal. Como vos dirigiu Jesus no passado? Está Ele a pedir-vos que vos aventureis em novo território?

Em virtude de o original recebido não conter as referências, dá-las-emos oportunamente.

Kit Watts é vice-redactora da Adventist Review.

No Sábado, dia 2 de Dezembro será levantada a oferta da Semana de Oração e Sacrifício.

QUINTA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO

Religião Superficial

A alegria e a realização de trabalhar com Cristo

Por ROBERT e JACQUE RANDALL

A silhueta dum pescador com a cabeça entre as mãos aparecia contra a escuridão e o luar, debruçado pesadamente sobre o bordo interior do seu barco. Ele estava inconsciente das suaves rochas por debaixo dele. A atmosfera parecia pairar tão tristonhamente à volta do homem que um observador se perguntaria se a aproximação do nascer do sol seria capaz de penetrar através dos seus pensamentos.

Não houve peixe algum naquela noite. O mar estava invulgarmente calmo, como se soubesse qualquer coisa. Pedro, embora pescador de profissão, tinha sido incapaz de assustar e muito menos pescar, um único peixe durante toda a noite. Todavia aqueles seus ombros caídos pareciam esconder um desânimo muito mais profundo do que aquele que ocorre após uma má noite de trabalho.

Pedro lutava com acontecimentos perturbadores, mesmo confusos, a respeito de um novo e estimado mestre com o qual passara algum bom tempo. A cabeça de Pedro enxameava com pensamentos conflituosos acerca de Jesus e da Sua credibilidade na Judeia entre os «eleitos de Deus». Jesus estava enfren-

tando oposição nas altas esferas. Tinha apenas alguns discípulos, praticamente nenhum dos quais da classe culta! A maior parte dos dirigentes denominacionais apunham-se-Lhe, bem como às Suas interpretações das Escrituras.

Terei sido louco em segui-l'O até ao ponto em que o tenho feito? Perguntava-se Pedro.

Por outro lado, Pedro gostava de ver a maneira como Jesus tratava as pessoas. O seu coração nunca deixara de se excitar ao ver seres humanos serem curados e tornados sãos pelo toque gentil de Jesus e pelas Suas palavras de verdade acerca do Seu Pai.

Depois havia o assunto de João Baptista. Essa era uma questão dolorosa, não apenas para Pedro, mas também para todos os discípulos. João havia apontado a vários deles Jesus; todavia Jesus parecia tão indiferente ao aprisionamento e injusto encarceramento de João.

Serei eu «generosamente recompensado» se O seguir? Posso enfrentar tudo isso? Pedro sentiu uma dor aguda no seu estômago.

Talvez tenha havido momentos na vossa vida em que descobristes certas

coisas acerca de vós mesmos, acerca daqueles que vos rodeiam, acerca do sistema político, de que não gostastes. Talvez tenha havido ocasiões em que tentais experimentado fracasso e incerteza, ocasiões em que examinastes profundamente a vossa alma e apenas encontrastes um vazio interior.

Mesmo que eu decida despendar o resto da minha vida a pescar, penso Pedro, há algo acerca de Jesus... Ele sabe quão confuso estou; Ele conhece-me, e todavia aceita-me tão completamente...

Enquanto a aurora clareava cada vez mais sobre o Mar da Galileia, os barcos de pesca pertencentes a Pedro e aos seus amigos rumavam para a praia. Observando esta cena em retrospectiva, os nossos olhos fixam-se sobre uma figura solitária na praia, com a face voltada para cima, banhada pelos raios do sol nascente, comungando com o Seu Pai. Não Lhe passara despercebido o semblante perturbado de Pedro, mas Ele sabia mais do que Pedro imaginava — que naquele mesmo dia Ele lhes encheria os barcos de abundante pesca e lhes encheria as vidas de pleno significado e objectivo definido.

Terminado o Seu discurso, Jesus realizou o milagre. Os barcos começaram a afundar-se. «Simão Pedro... caiu aos pés de Jesus e disse 'Afasta-Te de mim, Senhor; porque sou um homem pecador!'...

«Depois Jesus disse a Simão: 'Não temas; de agora em diante serás pescador de homens.'

«Então eles puxaram os seus barcos para terra, deixaram tudo e seguiram-n'O» (Lucas 5:8-11).

Solução para a Perturbação

A solução de Jesus para a perturbação e vazio interior de Pedro foi fazê-lo «pescador de homens». Mas como foi isso uma solução?

Na verdade, a Bíblia retrata o uso que Deus faz deste método — tornando pessoas em pescadores de homens — como Seu plano para espalhar e terminar a pregação do evangelho. É tentador afirmar que Deus instituiu este método de pescadores de homens primariamente devido à Sua necessidade de seres humanos mediante os quais realizar a Sua obra. Aproximou-Se Jesus de Pedro apenas com uma agenda de trabalho para ele em vez de, pelo contrário, Se interessar, pelo seu bem-estar e felicidade legítimos?

A verdade é que Deus pode ter uma maior razão do que essa para convidar indivíduos a segui-l'O e a tornarem-se pescadores de homens.

Pensamos que o convite que Jesus dirigiu a Pedro e aos restantes discípulos foi feito com o desejo de levá-los a uma maior realização e felicidade pessoais. O mesmo é verdade para nós hoje.

Mas como se dá isto?

Ellen G. White diz-nos que «O espírito de amor, disposto a se sacrificar, de Cristo, é o espírito que permeia todo o Céu e é a própria essência da sua bem-aventurança» (*Aos Pés de Cristo*, p. 81). Jesus demonstrou que o caminho do amor é o caminho da vida e verdadeira felicidade para o universo. Por conseguinte, ao nos tornarmos pescadores de homens, ao escolhermos ministrar amorosamente aos outros de modo abnegado e altruísta, participaremos da bem-aventurança celestial agora mesmo: «O esforço de abençoar outros reflectir-se-á em bênçãos para nós mesmos. Este foi o propósito de Deus em dar-nos uma parte a desempenhar no plano da redenção... Esta é a mais elevada honra, a maior alegria, que é possível a Deus conceder aos homens» (*Ibidem* p. 83).

Mas o Que Significa Isso?

Mas exactamente aqui enfrantamos um problema. Considerai um cenário típico: Uma pessoa está infeliz. A sua vida está vazia e solitária. Ouve dizer que a maneira de encontrar felicidade é mediante dar e servir. Assim, tal pessoa sai à busca de servir e dar a fim de se enriquecer a si mesma. O que é que normalmente acontece?

Ela descobre que as pessoas tomam frequentemente os seus esforços e sacrifícios como garantidos. Mais do que isso, muitos não apreciam e até são críticos dos seus esforços. Certamente que haverá vários que os apreciarão e lhe manifestarão esse apreço. Mas no todo ela descobrirá que está dando mais do que recebe. E assim, em vez de encontrar um senso de realização e enriquecimento, acaba por ficar exausto e desiludido:

Sendo assim, que aconteceu à esperada felicidade! Porque se evaporou ela?

A verdade sobre esta questão é que a felicidade não consiste primariamente naquilo que recebemos de volta daqueles a quem servimos. Se servirmos apenas com o objectivo de receber algo de volta — mediante modos de reconhecimento, amizade, afirmação ou estima —

ficaremos inevitavelmente desapontados. A alegria que Jesus experimentou não foi primeiramente o resultado da resposta das multidões ao Seu amor — de facto, Ele foi finalmente crucificado. Pelo contrário, a Sua alegria, o Seu senso de realização, parecem ter provindo em grande medida de outra fonte.

Mas de que fonte? Somos de opinião de que a resposta se encontra numa importante lei espiritual.

A Bíblia afirma-o desta maneira: «Aquele que rega também será regado» (Prov. 11:25). «Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores» (Mat. 6:12). A irmã White também explica isto desta maneira: «A não ser que aceiteis na vossa própria vida o princípio do amor disposto a se sacrificar, que é o princípio do Seu carácter, não podeis conhecer a Deus» (*Pensamentos sobre o Sermão da Montanha*, p. 28).

Este princípio declara que a nossa capacidade de receber de Deus está directamente ligada àquilo que estamos dando a outras pessoas. Ao partilharmos o amor de Deus com alguém em necessidade, a nossa capacidade para absorver e metabolizar o amor que recebemos de Deus aumenta.

Isto não significa que o nosso serviço ganhe o favor de Deus ou elicie maior amor d'Ele. O seu amor divino, *Agape*, é já infinito para connosco, e não existe feito algum ou realização da nossa parte que pudesse levar Deus a amarmos cada vez mais do que aquilo que Ele já faz. Como escreveu um cristão:

Pudéssemos nós o oceano com tinta encher,
E fossem os céus de pergaminho feitos;
Fosse cada haste de erva na terra uma pena,
E cada homem por profissão um escriba;
Para escrever em cima o amor de Deus
O oceano secaria;
Nem poderia o pergaminho conter tudo,
Ainda que esticado de céu a céu.»

— F. M. Lehman

O problema é que temos, por assim dizer, uma capacidade de receber do tamanho de uma colher de chá — embora o amor que Deus tem para nos dar seja como um ilimitado oceano infinito. Tendo experimentado tão pouco amor incondicional nas nossas vidas, achamos difícil digerir e assimilar esta dádiva. Mas se escolhermos crer nela, então receberemos o desejo e a capacidade, mediante dons espirituais, para ministrar este amor e perdão a outros. E ao esco-

lhermos ministrar desta maneira, um fenómeno adicional ocorre dentro dos nossos próprios corações — a nossa capacidade para compreender a Deus e a Sua atitude para conosco é aprofundada e alargada. Agora estamos aptos a absorver uma maior porção do grande amor de Deus por nós, o qual, por sua vez, aprofunda a nossa realização e alegria pessoais.

Ao continuarmos a exprimir o amor de Deus em actos amorosos, em amabilidade, e no perdão para com outros, a nossa capacidade para compreender a Deus e apreciar o Seu amor expandir-se-á continuamente e a nossas vidas tornar-se-ão cada vez mais abundantes.

É nisto que consiste a prometida alegria e bem aventurança — a essência do Céu! O chamado para pescar seres humanos é um chamado para experimentar a alegria e o amor do Céu — aqui e agora.

Ao ponderarmos o significado desta história, supunhamos que vários anos passaram desde que Jesus fez o chamado a Pedro e aos outros discípulos junto ao mar. Procurai imaginar na vossa mente aquela cena fantasmagórica de um grupo de barcos de pesca rangendo numa praia ventosa, abandonados por um grupo de pescadores comuns na busca de felicidade e realização duradouras. Que declaração aquela cena de barcos abandonados deve ter produzido nos habitantes da Galileia! Cada ranger de barco proclamava que há algo melhor, *muitíssimo* melhor.

Do mesmo modo hoje Jesus caminha sobre as praias dos nossos corações com a idêntica «ultrajante» oferta: «Vinde, segui-Me e amai os seres humanos...» Quantos «barcos» puxaremos para a terra e abandonaremos ao longo das nossas «praias» para que com o seu silencioso testemunho testifiquem que há algo mais, algo melhor?

Perguntas para discussão

1. De acordo com o ponto de vista dos autores, qual o motivo de Jesus ao chamar Pedro?
2. Que esboço fazem os autores das implicações práticas para nós deste chamado de Jesus?
3. Como pode a nossa resposta tornar-se uma testemunha tangível em favor de nosso Senhor?

SEXTA-FEIRA, 1 DE DEZEMBRO

Cristo, Somente Cristo

Focando Jesus, o nosso guia e modelo.

Por C. DIONÍSIO CHRISTIAN

Uma das mais belas e significativas de todas as descrições da centralidade de Jesus é o relato bíblico da vívida experiência de Pedro, Tiago e João no Monte da Transfiguração.

Nesta experiência, o amor, a gentileza e o cuidado de Jesus fizeram uma profunda impressão nos discípulos que testemunharam a cena. A face resplandecente do Mestre e o brilho das Suas vestes proporcionaram a estes homens uma feliz experiência do Céu. O seu desejo foi ficarem para sempre neste maravilhoso cenário. Era como se estivessem no Céu.

Pedro disse: «Senhor, é bom estarmos aqui; se quiseres, façamos aqui três tendas; uma para Ti uma para Moisés e outra para Elias» (Mat. 17:4).

No meio do seu deslumbramento e alegria, Pedro e os outros ficaram assombrados pelo esplendor vindo do alto e atemorizados pela voz de Deus. Eles caíram impotentes no chão. Jesus aproximou-Se deles e tocou nas suas formas prostradas. Eles olharam para e cima e não viram «ninguém, senão somente Jesus» (vers. 8, N.E.B.).

Os três discípulos estavam agora sozinhos com Jesus. Descobriram que em Jesus havia tudo o que eles precisavam, que contemplando-O, tudo o mais se desvanecia em insignificância. Enquanto desciam do monte, reflectiam sobre o facto de que em Cristo, e Cristo somente, havia poder transformador, doador de vida e redentor para aqueles que o buscam.

Outra descrição do amor, gentileza, cuidado e influência de Jesus ocorre em João 21. Neste episódio de diálogo intenso, Jesus fez a pergunta ao porta-voz dos discípulos no topo do Monte da

Transfiguração: «Simão, filho de Jonas, amas-Me?» (Vers. 15). Três vezes fez Jesus esta penetrante pergunta ao Seu pensativo discípulo, admoestando-o, de cada vez, a apascentar os Seus «cordeiros», as Suas «ovelhas» (vers. 15-17). Porquê?

Jesus quis fazer com Pedro exactamente o que Ele quer fazer conosco hoje: tocar as fibras sensíveis dos nossos corações. Ele deseja despertar-nos para as realidades da vida. Deseja que estejamos cónscios da nossa necessidade de morrer para o eu, e a folia de seguir os nossos próprios caminhos. Deseja que sigamos as veredas que Ele nos ordenou, lembrando que todas as coisas são possíveis através d'Ele.

O relato de João continua: «E quando ele acabara de falar..., disse-lhe: Segue-Me. Depois Pedro, voltando-se, viu o discípulo a quem Jesus amava seguindo-O. ... Pedro vendo-o disse a Jesus, Senhor, o que será deste homem? Jesus disse-lhe: se eu quero que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso? segue-me, tu» (Vers. 19-22).

Deveríamos considerar cuidadosamente o significado deste diálogo para nós hoje. Ele ocorre ainda entre nós e o nosso Salvador.

Segue-Me

Jesus ordenou a Pedro que O seguisse. O Mestre queria que Pedro andasse com Ele de modo que o pudesse fortalecer e sustentar na dor e na tristeza que lhe pudessem sobrevir por causa da sua fé. Como aconteceu com Pedro, assim acontece conosco hoje. Jesus está dizendo ao fiel: «Segue-Me». Ele chama os Seus para seguirem nas Suas pisadas. Deseja que vivamos uma vida livre de pecado e engano; deseja que estejamos

Roberto Randall é pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Thousand Oaks, Califórnia, E.U.A. e Jacques Randall é conselheiro pastoral.

mortos para o pecado e vivos para a justiça. Na Sua ordem para O seguirem, Jesus garantiu a Pedro a vitória espiritual. Do mesmo modo, Ele nos diz, a vós e a mim, para O seguirmos garantindo-nos uma vida acima do pecado e que seremos tornados completos n'Ele pela Sua morte na cruz (ver I Pedro 2:24).

E o que será deste homem?

Enquanto Pedro andava com o Mestre, por qualquer razão não conseguia desviar os olhos de João, que seguia a Jesus um pouco atrás. Pedro estava interessado em saber qual seria a futura experiência e destino de João.

Todos nós iniciámos a nossa carreira cristã em ocasiões diferentes e em diferentes lugares. Por uma razão ou outra, alguns são vagarosos em começar e outros têm-se atrasado, ficando para trás. Ainda outros são sedidos por obstáculos ao longo do caminho, lutando contra acidentes, fracassos ou outros problemas. Pode ainda haver outros cuja força se extinguiu ou foram afectados com a atitude e o estilo de vida daqueles que correm ao seu lado.

Quão fácil é para alguns de nós olhar para aqueles que são vagarosos ou que estão a ficar para trás! Como Pedro, perguntamos: «Que será deste homem?» ou «Que será daquela mulher?» Enquanto fazemos isto, nós próprios ficamos para trás. Perdemos de vista o verdadeiro objectivo. É tempo de fixarmos os olhos naquilo que nos deve interessar, focar a questão vital — isto é, de operar a nossa «própria salvação com temor e tremor» (Fil. 2:12).

A nossa única preocupação com as pessoas que correm a carreira cristã ao nosso lado deve ser o seu bem-estar espiritual. A nossa preocupação deve ser ajudá-los nos seus problemas e fraquezas. Não devemos andar de um lado para o outro ocupando-nos com as suas faltas e comentando-as. Não devemos criticá-los, ou utilizá-los como desculpa para as nossas próprias acções pecaminosas. Pelo contrário, devemos olhar para Cristo, em quem todas as coisas são possíveis, e ajudar outros a fixarem os seus olhos no Guia-Modelo. O que o Senhor deseja de vós e de mim é que O glorifiquemos e ajudemos outros a fazer o mesmo.

Que tens tu com isso?

Paulo referiu-se à carreira cristã e à vinda de Cristo, e como elas se relacio-

navam com a sua vida. «Acabei a minha carreira», disse ele. «De agora em diante me está reservada uma coroa de justiça, a qual o Senhor... me dará naquele dia: e não somente a mim, mas a todos aqueles que amarem o Seu aparecimento» (II Tim. 4:7, 8). Após ter sentido dor e tristeza por ter negado o Seu Senhor, Pedro, instigado por convicções semelhantes às de Paulo, demonstrou um zelo e preocupação que levou Jesus a observar: «Que tens tu com isso?»

Ao tentarmos analisar esta resposta de Jesus, podemos parafraseá-la desta maneira: «Meu caro Pedro, eu sei que tu tens um interesse especial na vida cristã daqueles à tua volta. Eu sei que tu gostarias que todos seguissem nas minhas pisadas como tu crês que eles deviam seguir. Eu sei que estás preocupado com João que agora Me segue um pouco atrás, enquanto tu me segues bem de perto. Tu estás interessado em saber como trazê-lo para mais perto. Não estas tão preocupado.

Focar a nossa atenção sobre os defeitos de membros e dirigentes da igreja leva-nos a abandonar a igreja e a unir-nos com grupos separados.

«Digo-te, Pedro, embora tu devas interessar-te no bem-estar e no futuro de outros, não prestes tanta atenção ao que eles são e fazem — a sua condição e defeitos, as suas palavras e acções. Tu devas, pelo contrário, olhar pelos teus próprios negócios. Em vez de olhares tanto para João, olha mais para mim; olha somente para mim. Se olhares para outros — e para João em particular — com tal interesse e preocupação, tu também ficarás para trás e perder-me-ás de vista».

Graças a Deus, temos a certeza do Seu amor por cada um de nós. O inimi-

go tem tentado destruir-nos individualmente e como igreja.

Um dos laços mais comuns de Satanás, nos seus esforços em atingir os seus objectivos, é induzir o crente a olhar para as faltas dos seus irmãos na fé, para os defeitos de outros, os erros de dirigentes, os pecados que assediam e destroem alguns nas nossas fileiras. Mas a verdade é perfeita — nós não. A nossa oração deveria ser sempre no sentido da oração do Salvador, em se cumprir em cada um de nós: «Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. ... Santifica-os na verdade: a Tua palavra é a verdade» (João 17:15-17).

Focar a nossa atenção sobre os defeitos de membros e dirigentes da igreja leva-nos a abandonar a igreja e a unir-nos com grupos separados, a reter os dízimos e ofertas e a buscar demonstrar o nosso descontentamento de outras maneiras. Tais acções só produzem infelicidade, sequidão espiritual, insegurança e perda das bênçãos de Deus. Em tudo isto deixamos de compreender que apesar de tudo o que acontece, a igreja é de especial interesse para Deus. Nós somos o objecto máximo do Seu cuidado.

Quão reconfortante é saber que seguimos a um tal Deus. Quão reconfortante saber que Ele diz que «a igreja, fraca e defeituosa, necessitando de ser reprovada, advertida e aconselhada, é o único objecto sobre a terra sobre o qual Cristo concede o Seu supremo cuidado» (*Testemunhos para Ministros*, p. 49).

É com boa razão que nosso Senhor nos deixou a parábola do trigo e do joio, que se aplica aqueles que podem estar dentro do corpo de Cristo e não são o que deviam ser, ou que podem estar a andar tão longe que não mais podem ver a Cristo. Esta parábola também pode ser um aviso àqueles que, seguindo a Cristo, afastaram os seus olhos d'Ele e estão preocupados com o joio e as suas actividades. A estes, Jesus diz, como disse aos Seus discípulos: «Um inimigo é quem fez isso» (Mat. 13:28).

Na parábola os servos disseram ao pai de família: «Queres que vamos arrancá-lo? Porém ele lhes disse: Não; para que ao colher o joio não arranqueis também o trigo com ele. Deixai crescer ambos juntos até à ceifa; e, por ocasião da ceifa, direi aos ceifeiros: Colhei primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar; mas o trigo ajuntai-o no meu celeiro» (Vers. 28-30).

Jesus diz-nos hoje, como disse a Pedro, que não devemos focar a nossa atenção ou demorar-nos nas fraquezas e faltas dos nossos irmãos e irmãs, dos dirigentes da organização, dos professores, dos pastores, ou daqueles que possam estar a seguir a Cristo de longe. Foquemos a nossa atenção na nossa própria condição.

O inimigo está sempre presente e a tendência de afastarmos os nossos olhos do Modelo está sempre latente. «Quantos hoje são como Pedro! Estão interessados nos negócios dos outros e ansiosos de conhecer-lhes o dever, enquanto estão em perigo de negligenciar o seu próprio. É nossa tarefa olhar para Cristo e segui-l'O. Veremos erros nas vidas dos outros e defeitos no seu carácter. A humanidade está circundada por enfermidade. Mas em Cristo encontraremos perfeição. Contemplando-O, seremos transformados» (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 604, ed. popular p. 779).

Devemos ter sempre em mente que se olharmos constantemente para os outros, se insistirmos em olhar para os nossos irmãos na fé e não para Cristo, é possível que caiamos no mesmo pecado e falhemos onde eles falham. Tal como o Senhor disse a Pedro, diz-nos hoje também: «Segue-Me. Eu sou o teu verdadeiro exemplo; olha para mim e sê transformado na minha semelhança».

Perguntas para discussão

1. Qual é o significado da declaração: «Eles não viram ninguém, senão unicamente a Jesus» (Mat. 17:8).
2. Porque repreendeu gentilmente Jesus a Pedro por ter perguntado acerca de João? Qual é a lição para nós?
3. Qual é uma estratégia comum de Satanás na sua tentativa para semear discórdia e desencorajamento na igreja?

C. Dionísio Christian é secretário da Divisão Inter-Americana, com sede em Miami, Florida, E.U.A.

A **REVISTA ADVENTISTA** é o elo de ligação da Igreja Adventista em Portugal

SÁBADO, 2^o DE DEZEMBRO

Cristo e a Eternidade

Experimentando um antegoço do mundo vindouro

Por ELLEN G. WHITE

Gostaria de poder descrever a beleza da vida cristã. Começando na manhã da vida, controlado pelas leis da natureza e de Deus, o cristão move-se firmemente para a frente e para cima, aproximando-se diariamente do seu lar celestial, onde o espera uma coroa de vida e um novo nome, «o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe.» Ele cresce constantemente em felicidade, santidade e utilidade. O progresso de cada ano excede o do ano anterior.¹

Piedade cedo na vida assegura ao seu possuidor o gozo completo de tudo aquilo que torna a vida feliz. ... Aqueles que esperam até que o período de vida esteja quase findo para buscarem a Deus perdem uma vida de pura e elevada felicidade — felicidade que nunca se alcança na busca dos prazeres que esta vida confere. Aqueles que há muito estão familiarizados com Deus, que desde a sua juventude têm obtido a sua felicidade da pura fonte do céu, estão preparados para entrar na família de Deus.² Se Cristo habita no coração pela fé, seremos felizes, cheios de louvor e alegria.³

O Segredo da Felicidade

Eis o segredo do contentamento, paz e felicidade: obediência às leis da natureza e de Deus. O verdadeiro cristão procura viver uma vida de utilidade e conforma os seus hábitos com o exemplo de Jesus. Tal pessoa encontrará a mais verdadeira felicidade, a recompensa do bem-fazer. Tal pessoa será erguida acima da escravidão duma vida artificial para a liberdade e graça da simplicidade semelhante à de Cristo.⁴

A vossa única segurança está em fazer da Palavra de Deus o vosso estudo.

... Esse abençoado livro ensinar-vos-á a ser honesto, temperante em todas as coisas, frugal, industrioso, verdadeiro, recto e equilibrado. Se prestardes atenção aos seus conselhos, eles vos tornarão um fiel companheiro da juventude, dando-vos uma influência que sempre conduzirá para cima, para a pureza de carácter; uma influência que afastará do pecado, para veredas de justiça.

Será uma tal vida sem felicidade? Ah, não! Será plena de conforto, satisfação, porque estais trazendo o céu para a vossa vida, paz para a vossa alma, e deixando um testemunho de que «a lei do Senhor é perfeita, convertendo a alma.»⁵

Um homem em paz com Deus e os seus semelhantes não pode ser infeliz. A inveja não terá lugar no seu coração; ruínas suspeitas não encontrarão aí lugar; o ódio não pode, de modo nenhum, existir aí. O coração em harmonia com Deus é erguido acima dos aborrecimentos e provas desta vida.⁶

As agências do amor possuem maravilhoso poder, porque são divinas. A resposta branda que «desvia o furor» (Prov. 15:1), o amor que «sofre com paciência e é amável» (I Cor. 13:4, R.V.), a caridade que «cobre uma multidão de pecados» (I Pedro 4:8) — aprendêssemos nós a lição, com que poder para curar seriam dotadas as nossas vidas! Quão transformada seria a vida, e a terra tornada uma verdadeira semelhança e antegoço do Céu!⁷

Se desejares encontrar felicidade e paz em tudo o que fizerdes, deves fazer tudo para glória de Deus. Se desejares possuir paz nos vossos corações, deves buscar fervorosamente imitar a vida de Cristo. Então não haverá neces-

sidade alguma de alegria afectada, ou em buscardes prazer na indulgência do orgulho e nas frivolidades do mundo. Tereis uma serenidade e felicidade em fazer o bem que jamais alcançaríeis em fazer o mal. Jesus tomou a natureza humana, passando pela infância, meninice e juventude, a fim de saber como simpatizar com todos, e deixar um exemplo para todas as crianças e jovens. ... Apelo-vos a que sempre cultiveis uma responsabilidade ponderada para com Deus. A consciência de estardes fazendo aquelas coisas que Deus aprova tornar-vos-á fortes na sua força; e ao copiar o Padrão, podereis, como Ele, aumentar em sabedoria, e no favor para com Deus e os homens.⁸

O Seu serviço não vos impõe restrição alguma que não aumente a vossa felicidade. Ao vos conformardes com os Seus requisitos, achareis uma paz, contentamento e gozo que jamais alcançaríeis na vereda do pecado.⁹ Aqueles que em tudo fazem de Deus o primeiro e o último e o melhor são as pessoas mais felizes no mundo.¹⁰

A Alegria de Servir

O Salvador ensinou este princípio (a regra áurea), não para fazer a humanidade infeliz, mas sim feliz; pois de nenhuma outra maneira é possível obter a felicidade. Deus deseja que os homens e as mulheres vivam a mais elevada vida. Ele dá-lhes o supremo bem da vida, não para meramente os habilitar a ganhar riqueza, mas para melhorarem as suas faculdades superiores ao fazer a obra que Ele confiou à humanidade — a obra de buscar aliviar as necessidades dos seus semelhantes. O homem não deve trabalhar para os seus próprios interesses egoístas, mas pelo interesse de cada pessoa ao seu redor, abençoando outros pela sua influência e acções bondosas. Este propósito de Deus está exemplificado na vida de Cristo.¹¹

Aproveitai toda a oportunidade para contribuir para a felicidade daqueles ao vosso redor, partilhando com eles a vossa afeição. Palavras de amabilidade, olhares de simpatia, expressões de apreço, seriam para muita alma atribulada e solitária, como um copo de água fria para a alma sedenta. Uma palavra alegre, um acto de bondade, fariam muito para aliviar as cargas que recaem pesadamente sobre muitos ombros cansados. É num ministério altruísta que se encontra a verdadeira felicidade. E cada palavra e acção de tal serviço são re-

gistados nos livros do Céu como se tivessem sido feitos a Cristo. ... Vivei na luz solar do amor de Cristo. Então a vossa influência abençoará o mundo.¹²

O espírito de labor altruísta em favor de outros confere ao carácter profundidade, estabilidade e amabilidade semelhante às de Cristo e traz paz e felicidade ao seu possuidor.¹³ Cada dever realizado, cada sacrifício feito em nome de Jesus, trazem uma inexcedível recompensa. No próprio acto do dever, Deus, fala e dá a Sua bênção.¹⁴

Riquezas e ociosidade são consideradas por muitos como verdadeiras bênçãos; mas aqueles que estão sempre ocupados, e que alegremente se empenham nas suas tarefas diárias, são os mais felizes e gozam da melhor saúde. O cansaço saudável que resulta de trabalho bem regulado assegura-lhes os benefícios de um sono reparador. A sentença de que o homem deve trabalhar pelo seu pão de cada dia, e a promessa de futura felicidade e glória, vieram ambas do mesmo trono e ambas são bênçãos.¹⁵

A Alegria do Louvor

Deus deseja que sejamos felizes. Ele deseja colocar um novo cântico nos nossos lábios, louvor mesmo para o nosso Deus. Ele deseja que creiamos que Ele perdoa os nossos pecados e afasta a nossa injustiça. Ele deseja que produzamos melodia nos nossos corações, em Seu louvor. ... Que cada palavra que profiramos, que cada linha que escrevamos, sejam acompanhadas de encorajamento e fé inabalável. ... Não penseis que Jesus é Salvador apenas do vosso irmão.

Deus deseja que os homens e as mulheres vivam a mais elevada vida. Ele dá-lhes o supremo bem da vida, não para meramente os habilitar a ganhar riqueza, mas para melhorarem as suas faculdades superiores ao fazer a obra que Ele confiou à humanidade — a obra de buscar aliviar as necessidades dos seus semelhantes.

Ele é o vosso Salvador pessoal. Se aca-riardes este precioso pensamento, produzireis melodia para com Deus, na vossa alma. É nosso privilégio triunfar em Deus. É nosso privilégio levar outros a ver que a sua única esperança está em Deus e a refugiarem-se apressadamente n'Ele.

Cada acto de consagração a Deus opera alegria; pois à medida que apreciamos a luz que Ele nos tem dado, mais e maior luz virá. Devemos abrir o coração aos brilhantes raios de Sol da justiça. Há paz na submissão perfeita.

Permiti que a paz de Deus reine no vosso coração. Então tereis força para suportar todo o sofrimento e regozijar-vos-eis por terdes a graça para o suportar. Louvai o Senhor; falai da Sua bondade; proclamai o Seu poder. Adoçai a atmosfera que circunda a vossa alma. ... Louvai, com o coração, com a alma e a voz, Aquele que é a saúde do vosso semblante, o vosso Salvador e o vosso Deus.¹⁶

Recompensas Celestiais

O Grande Mestre dá ao homem uma visão do mundo futuro. Ele o coloca, com as suas atractivas possessões, ao alcance da sua visão. ... Se Ele puder fixar a mente sobre a vida futura e a sua bem-aventurança, em comparação com os cuidados temporais deste mundo, o contraste flagrante é profundamente impresso na mente, absorvendo o coração, a alma e todo o ser.¹⁷

Um receio de fazer com que a herança futura pareça demasiado material tem levado muitos a espiritualizar as mesmas verdades que nos levam a considerá-la nosso lar.¹⁸ A linguagem é demasiado fraca para tentar uma descrição do Céu. Apresentando-se diante de mim aquela cena, fico inteiramente absorta. Enlevada pelo insuperável esplendor e excelente glória, deponho a pena e exclamo: «Oh, que amor! que amor maravilhoso!» A linguagem mais exaltada não consegue descrever a glória do Céu, ou as profundidades incomparáveis do amor de um Salvador.¹⁹

Se pudéssemos obter apenas uma vista da cidade celestial, não mais desejaríamos habitar aqui na terra. Há belíssimas paisagens na terra, e eu aprecio todos esses indícios de beleza na natureza. Associo tudo isso com o Criador. Mas sei que se eu amar a Deus e guardar os Seus mandamentos, há um peso eterno de glória mui excelente reservado no Céu para mim. Belas como são as cenas da

terra, elas não têm comparação alguma com o mundo eterno.²⁰

Ali, todos os que trabalharam com um espírito altruísta contemplarão o fruto dos seus labores. Ver-se-á o resultado de todo o princípio correcto e nobre acção. Alguma coisa disto aqui vemos.

Mas quão pouco dos resultados dos mais nobres trabalhos deste mundo é o que se manifesta nesta vida aos que os fazem! Quantos labutam abnegadamente, incansavelmente por aqueles que ficam além do seu alcance e conhecimento! Pais e professores tombam no seu último sono, parecendo que o trabalho da sua vida foi feito em vão; não sabem que a sua fidelidade descerrou fontes de bênçãos que jamais poderão deixar de fluir; apenas pela fé vêm as crianças que educaram tornarem-se uma bênção e inspiração para os seus semelhantes, e essa influência repetir-se-á mil vezes mais. Muito obreiro há que envia para o mundo mensagens de alento, esperança e ânimo, palavras que levam bênçãos aos corações em todos os países; mas quanto aos resultados, nada sabe, afadigando-se ele em solidão e obscuridade. Assim se concedem dons, se aliviam cargas, se faz trabalho. Os homens lançam a semente, da qual, sobre as suas sepulturas, outros colhem a abençoada messe. Plantam árvores para que outros comam o fruto. Aqui estão contentes por saberem que puseram em actividade forças para promoverem o bem. No além será vista a acção de todas estas forças.²¹

Deveria ser a determinação de cada alma, não tanto buscar compreender tudo acerca das condições que prevalecerão no futuro estado, mas antes saber o que Deus requer dele nesta vida.²² Se houverdes de ser santos no céu, tereis de o ser primeiro na terra.²³

Perguntas para discussão

1. Porque devemos buscar a Deus nos primeiros anos da nossa vida?

2. De que maneira prática descreveu Ellen G. White o segredo da felicidade?

3. Nas nossas apresentações, quão real devemos tornar o mundo futuro?

4. O que é que deveria dar coragem aos obreiros de Deus, que às vezes não recebem aqui nenhum reconhecimento?

Referências

1. *Youth's Instructor*, 26 de Junho de 1902.

2. *Ibidem*, 25 de Outubro de 1900.

3. *Ibidem*, 13 de Outubro de 1892.

4. *Health Reformer*, Fevereiro de 1877.

5. *Youth's Instructor*, 3 de Agosto de 1887.

6. *Testimonies*, vol. 5, p. 445.

7. *Educação*, p. 114.

8. *Youth's Instructor*, Setembro de 1873.

9. *Review and Herald*, 26 de Agosto de 1884.

10. *Ibidem*, 19 de Agosto de 1884.

11. *Minha Consagração Hoje*, p. 165.

12. *Youth's Instructor*, 9 de Abril de 1903.

13. *Testimonies*, vol. 5, p. 607.

14. *Ibidem*, vol. 4, p. 145.

15. *Christian Temperance and Bible Hygiene*, p. 97.

16. *Youth's Instructor*, 27 de Dezembro de 1900.

17. *Our High Calling*, p. 286.

18. *O Grande Conflito*, p. 540.

19. *Primeiros Escritos*, p. 289.

20. *Signs of the Times*, 8 de Abril de 1889.

21. *Educação*, pp. 305-306.

22. *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes* p. 249.

23. *Testemunhos para Ministros*, p. 145.

SEGUE-ME!

Sonhando, saí um dia a visitar o mundo.

E na bela Galileia encontrei-me a contemplar

O céu de anil, verdejantes montanhas e o mar profundo.

E ali, sentada, longo tempo fiquei a meditar.

Transportada em pensamento, parti p'ra séculos distantes

E no Mar de Tiberíades — a meus pés se espreguiçando —

Vi barcos a baloiçar. Vi pescadores ofegantes

Lançando as redes ao mar, com grande zelo pescando.

Na transparência do aquoso espelho o Sol se remirava.

Gargalhando iam as ondas em alegre correria.

Sulcando o Espaço esbelto pássaro voava.

E o ar tinha perfumes naquele radioso dia.

Caminhando pela praia com passo firme, apressado,

Vem Jesus e Se aproxima. Todos cessam seus labores.

Pedro e André ali estão p'ra escutar do Mestre o seu chamado:

«Vinde após Mim e de homens Eu vos farei pescadores.»

Sua voz terna e sonora foi directa ao coração

E seus barcos, suas redes prontamente abandonaram.

Sorridentes O seguiram sem qualquer hesitação,

Sem a perda lamentar dos seus bens que ali deixaram.

Sozinho não quis ficar e atrás deles eu parti.

Na Alfândega parámos. Alguém mais Ele vai chamar.

É Mateus, o publicano, conhecido por Levi:

«Segue-Me» — lhe ordenou — e Levi O seguiu sem hesitar.

«Segue-Me tu também» — me convidou — «Sou a Vida, Sou a Verdade.»

Hesitei. Deixei de O ver. E em dor e amargura infinda,

Chorando alto acordei. Voltei à realidade.

E bem desperta do sonho, ouvi-O chamar-me ainda:

«Segue-Me filho hesitante. Porque rejeitas a Luz?

Não sonhes. Abre os teus olhos e contempla quanto amor

Irradia sobre ti daquela mais alta cruz

Onde a vida entreguei para ser teu Salvador.

«Segue-Me. Eu Sou o Caminho para conduzir-te aos céus.

Vem a Mim se estás cansado e oprimido em cruenta dor.

Eu te amparo. Eu te deponho nos fortes braços de Deus.»

E a partir daquele dia eu segui a meu Senhor.

E hoje, do Monte Calvário e daquela rude Cruz,

Ressoa ainda no mundo a voz terna e sonora

A chamar-te com amor, o amor do meu Jesus.

Segue-O tu também comigo. Não deixes passar a Hora.

Maria Augusta Pires

Seguindo a Jesus

Por ALICE LOWE

Nota para os dirigentes ou pais: Estas mensagens foram escritas para crianças da classe dos juvenis. Se as crianças não ouvirem recentemente as histórias da Bíblia utilizadas aqui, pode ser necessário contar as narrativas antes de usar estas leituras. Para as crianças mais pequenas convém simplificar as palavras segundo se achar necessário.

Tente discutir alguns dos conceitos com as crianças. Ajudai-as a usar as suas Bíblias ao lerem alguns dos textos. Onde apropriado, incluímos textos e perguntas para discussão.

Conclua cada dia com um pequeno período de oração.

SÁBADO, 25 DE NOVEMBRO

Jesus fez a diferença

Zaqueu viva em Jericó. Ele era muito rico e também desonesto. Era um colector de impostos e ensinava outros a irem de casa em casa para recolher mais impostos do que deviam. Eles ficavam com muito desse dinheiro para si mesmos e ficavam também muito ricos.

O povo de Jericó odiava Zaqueu e nem sequer lhe permitiam adorar na sinagoga (ou igreja). Mas, como qualquer outra pessoa, também ele necessitava de ser amado. Zaqueu ouvira falar de um Homem amável chamado Jesus, que ia vir a Jericó, e queria muito vê-lo. Mas

tinha um problema. Ele era baixo e a multidão era enorme. Como podia ver por cima das cabeças das pessoas? Familiarizado com todas as árvores ao longo da estrada, Zaqueu subiu para cima duma delas — um sicômoro — e escondeu-se no meio dos seus frondosos ramos, de modo a poder ver sem ser visto.

Ele estava cansado da sua vida de pecado, cansado de tentar fugir de Deus. Estava pronto para alguma coisa melhor e agora desejava certificar-se de que ia ver a Jesus.

Jesus podia ter ido por outro caminho, mas Ele conhecia os pensamentos de Zaqueu. Quando Jesus chegou junto da árvore, olhou para cima, através das suas folhas, directamente nos olhos do ansioso colector de impostos.

— Zaqueu, desde depressa — disse Jesus — hoje vou à tua casa.

Jesus desejava ser seu amigo. Sabia que Zaqueu queria conversar, mas afastado da multidão. Jesus amou-o e quis ajudá-lo nos seus problemas. Jesus aceitou-o quando ninguém mais o fez.

As pessoas estavam tão admiradas. Estou certa de que um grande burburinho se espalhou por toda a multidão: «Jesus vai a casa de um homem mau? Que horrível!» Imaginem a multidão a observar enquanto Jesus Se dirige com Zaqueu para a sua casa.

Que aconteceria se Jesus Se fizesse convidado para a vossa casa? Vocês ficariam emocionados? Embaraçados? Surpreendidos? ou perturbados? Estaria o vosso quarto limpo e arrumado? Estaria o aparelho de televisão ligado? Pergunto a mim mesma como é que a esposa de Zaqueu se terá sentido quando viu Jesus à porta.

Zaqueu apressou-se a manifestar cortesia à Jesus. Lavou-Lhe os pés, deu-Lhe a melhor poltrona para descansar e pôs comida na mesa.

Enquanto Zaqueu permanecia diante de Jesus, sentiu-se feliz por já ter decidido acabar com a sua vida de pecado. Ele desejava ser diferente e viver para Jesus. Deu a Sua vida a Jesus, pediu perdão e prometeu devolver em quadruplicado aquilo que havia tomado com fraude. Ele desejava endireitar as coisas com o Senhor e com os seus semelhantes, mesmo que isso significasse ter de deixar o seu trabalho. Zaqueu aceitou Jesus e achou paz de espírito.

É preciso ser corajoso para endireitar as coisas com os outros. E também é necessário a graça de Deus. Zaqueu aprendera a sua lição. Descobriu que não podia passar bem sem Jesus.

O Avião

O menino Daniel, de 12 anos de idade, ouviu a história de Zaqueu numa Escola Cristã de Férias. Depois foi ter com o seu professor e disse:

— Eu tenho um problema. Eu roubei um avião de um supermercado e quando cheguei a casa tive medo de dizer à minha mãe, de maneira que o escondi debaixo dum arbusto no quintal. Que devo fazer?

— Tu deves ir ter com o gerente do supermercado, devolver o avião e pedir-lhe desculpa — disse-lhe o professor.

— Não vai ele chamar a polícia para me levar para a prisão?

— Não, assegurou-lhe o professor. Está às 9.00 h da manhã, da próxima Segunda-feira, em frente ao supermercado. Eu irei contigo.

O Daniel estava, na verdade, triste por ter tirado o avião e desejava ser perdoado. Às 9.00 h da manhã da segunda-feira ele lá estava, em frente ao supermercado, com o avião dentro de um saco de papel.

— Sr. Gerente, — começou por falar o professor — o Daniel tem alguma coisa a dizer-lhe.

— O que é, meu filho? — perguntou o gerente.

Com uma voz trémula o Daniel começou por dizer:

— Estou muito triste, nunca mais volto a fazer o mesmo, mas eu roubei este avião e agora quero devolver-lho e pedir-lhe que me perdoe.

Com uma voz amável, e com um sorriso perdoador na sua face, o gerente disse:

— Bem, Daniel tu és um menino muito corajoso para fazeres isto. Sim, eu perdoar-te-ei, mas se alguma vez voltares a ser tentado a roubar outra vez, afasta-te e profere uma oração silenciosa pedindo a Deus para te ajudar.

Desejais de verdade viver para Jesus? Tendes alguma coisa que precisais de endireitar? Pode ser alguma coisa que tendeis dito ou feito na escola, em casa, ou a algum dos vossos amigos a quem deveis pedir perdão? Tendes alguma coisa que não é vossa e deva ser devolvida?

Orai a Deus para que Ele vos dê a força para devolverdes essa coisa roubada. Pedi perdão a Jesus e Ele vos ouvirá.

(Peçam às crianças para lerem em voz alta os seguintes textos: Levítico 5:5; Tiago 5:16; I João 1:9; Salmos 86:5; Mateus 6:14-15.

Daí a cada criança um papel e um lápis e pedi a cada um que escreva aquilo que gostava de ser perdoado. Pedilhe para dobrarem e folha e vo-la devolverem. Explicai que o pecado deles é entre ele e Deus. Rasgai o papel e deitai-o fora).

Texto-base para esta lição: Lucas 19:1-10.

DOMINGO, 26 DE NOVEMBRO

Levantai-vos por Jesus

Viver de acordo com aquilo que sabeis ser recto nem sempre é fácil, sobretudo se estiverdes longe da influência do vosso lar. Até mesmo os adultos são tentados a mudar os seus valores para se adaptarem ao meio que os circunda. A Bíblia dá-nos alguns conselhos sobre este problema: «Não sigas a multidão para fazer o mal» (Êxo. 23:2).

Quatro jovens fortes e saudáveis foram levados como cativos de guerra para o palácio real de um país estrangeiro. O rei exigiu que eles, juntamente com outros jovens cativos, tirassem um curso de três anos sobre a língua e a ciência do país. Mas estes quatro jovens hebreus tinham um problema. O seu problema era a comida.

Daniel e os seus amigos sabiam muito bem que alguma daquela comida havia sido oferecida aos ídolos e que Deus havia advertido o Seu povo a não comerem nada que estivesse relacionado com o culto aos ídolos. Os jovens decidiram permanecer leais a Deus, e, portanto, não comerem carne nem beberem vinho da mesa do rei. Eles haviam-se dado a Deus e acreditavam que Ele não os abandonaria nesta tentação.

Frutas e Vegetais

Daniel explicou cortesmente a um dos oficiais do rei a razão por que ele e os seus amigos não queriam comer nem beber da mesa do rei. «Dêem-se-nos apenas frutas e vegetais a comer e água a beber», pediu ele. «E experimenta-nos 10 dias sobre este assunto.»

Imaginem como os outros jovens do palácio devem ter feito troça deles!

— Vocês preferem tomates a bifês? Como podem vocês rejeitar este belo prato de frango? Pensam que ficarão

mais formosos do que nós?

Imaginem o riso deles enquanto Daniel e os seus amigos bebem água e eles vinho. Este foi um grande teste para estes jovens judeus. Permaneceriam eles fiéis a Deus, ou seguiriam a multidão? Quando estais sob grande pressão para seguir a multidão, tereis de decidir sobre o que sabeis ser recto.

Após 10 dias de estarem a comer frutas, vegetais e legumes, os jovens pareciam tão saudáveis que o despenseiro do rei deu instruções ao cozinheiro para continuar a dar a Daniel e aos seus companheiros a comida da sua preferência.

A Estátua de Ouro

Mais tarde, os três amigos de Daniel tiveram de fazer outra escolha. Um pouco fora da cidade de Babilónia, o rei deu ordens à sua equipa de construtores para construir uma estátua de ouro de cerca de 27 metros de altura e 3 metros de largura. Quando os homens acabaram a construção da estátua, o rei decretou um feriado para a sua dedicação. Toda a nação recebeu ordem de se reunir numa grande celebração de música e cantos. O rei ordenou que compelissem todos a ir à grande celebração.

As pessoas não tinham escolha. Tinham de adorar o ídolo ou seriam queimadas na fornalha de fogo ardente. Quem ousaria desafiar o rei e resistir à sua ordem?

Mas os três jovens hebreus não permitiram que a música alta os afectasse ou que a grande multidão os pressionasse. Eles tinham Deus ao seu lado. Enfrentaram este desafio com fé e coragem, sabendo que Deus era capaz de os livrar e acreditavam que Ele o faria. O rei havia esquecido tudo acerca do Deus dos Hebreus.

A fornalha estava, de facto, muito quente. Quando os jovens recusaram mudar de ideias, o rei ordenou aos seus oficiais para a aquecerem sete vezes mais. A fornalha estava agora pronta para estes três que recusaram adorar o ídolo.

Então os soldados atiraram-nos para dentro do fogo. Mas Deus não os esquecera. Jesus veio para estar com eles e protegê-los das chamas e do calor.

O rei Nabucodonosor saltou do seu

trono. Quem era este inesperado Visitante? Por aquilo que os jovens haviam contado ao rei, no passado, ele reconheceu o Visitante como o Filho de Deus, Jesus Cristo. Aproximando-se da fornalha, o rei chamou em voz alta: «Servos de Deus Altíssimo, saí, saí!»

Pergunto-me o que terão pensado as pessoas. Nem um único cabelo dos jovens estava queimado. O rei era agora uma pessoa diferente. Estava pronto a dar glória a Deus.

Se vocês estiverem com os vossos amigos e longe de casa, estão dispostos a permanecer leais a Deus mesmo quando a multidão vai contra aquilo que vocês crêem ser recto?

Quais são algumas das coisas que vos tentam? A T.V.? As drogas? Os jogos de video? Filmes?

Agentes Publicitários de Deus

Mostrem anúncios de coisas que as crianças estejam interessadas em comprar, tais como carrinhos de brincar, jogos de computador, patins, roupas, brinquedos diversos.

Milhões de escudos são gastos anualmente para anunciar vários produtos. Porquê? Porque quando alguém vê uma coisa anunciada repetidas vezes deseja comprá-la. As companhias anunciam por todas as maneiras possíveis, especialmente na T.V., para atrair os olhos as pessoas. Por vezes aparecem em anúncios atletas ou outras pessoas bem conhecidas.

Bem, Deus usa a cada um de vós e a mim para anunciarmos o amor de Jesus ao mundo. Ele deseja que O tornemos atractivo aos outros mediante a nossa maneira de viver e falar. As nossas atitudes na escola, a nossa amizade para com os vizinhos e o nosso amor à Bíblia são um testemunho do amor de Deus. Nós anunciamos mediante o permitirmos que Ele nos conduza diariamente.

Exactamente como Daniel e os seus amigos, podemos fazer saber aos outros que seguimos a Jesus na escola, em casa e aonde quer que formos. Ainda que não sejais um pastor, um doutor, enfermeiro, secretária, professor ou outro obreiro de Deus, vós podeis, como Daniel e os seus amigos, deixar revelar o

vosso amor por Deus *agora* em tudo o que fizerdes.

Textos-base para esta lição: Daniel 1:3-16; Êxodo 34:14, 15.

SEGUNDA-FEIRA,
27 DE NOVEMBRO

Comida para todos

Os filhos de Israel estavam a caminho do Egipto para Canaã há já cinco semanas. Que hoste de pessoas para alimentar! Cada dia eles deviam comer comida suficiente para encher cerca de 50 vagões dum comboio e bebiam centenas de milhares de litros de água. Embora tivessem deixado o Egipto com bastante comida, os suprimentos estavam prestes a esgotar-se. Quando estavam quase esgotados, o povo irou-se contra Moisés por os ter tirado do Egipto para os fazer morrer à fome no deserto.

Eles sabiam que Deus havia escolhido Moisés para os conduzir à Terra Prometida. Todavia, desejavam nunca ter deixado o Egipto, onde havia abundância de comida.

Comida do Céu

Para que Moisés não ficasse ansioso ou preocupado, Deus explicou-lhe o que ia fazer. Ele daria um teste a Israel. E este era o teste: fazia chover maná do Céu, e cada pessoa podia colher o que achasse suficiente para si. O chefe de cada casa devia fazer a recolha, mas devia colher apenas o suficiente para um dia.

Deus é amante do pomenor e cioso dos Seus mandamentos. Ele sugeriu que cada um colhesse cerca de dois litros por pessoa. «Não deixem o maná de um dia para o outro», instruiu Moisés. «Confiai em Deus para mais comida que Ele vos dará amanhã.»

Todavia, alguns recusaram prestar atenção a esta instrução. Colheram mais do que precisavam. Mas no dia seguinte o maná extra que haviam colhido estava estragado.

Sexta-feira de manhã Moisés disse ao povo para colherem o dobro, porque no Sábado não iria haver.

O que é que Deus estava a fazer? Ele estava tentando ensinar os filhos de Israel como guardar o Sábado. Deus havia separado um dia por semana para nós O adorarmos, e Ele criou-nos à Sua imagem para partilhar a Sua vida conosco. Mas no Egipto o Seu povo quase esquecera este belo plano divino.

Durante 40 anos o povo de Israel comeu uma dieta equilibrada de maná. Do mesmo modo, na nossa vida espiritual, seremos satisfeitos ao nos alimentarmos da Palavra de Deus. Ele é o pão da vida que satisfaz toda a fome das nossas vidas.

Nós nos alimentamos do maná espiritual mediante meditar em Deus e na vida maravilhosa de Jesus e na Sua morte, o Seu precioso sacrifício pelos nossos pecados. Os filhos de Israel tornaram-se dependentes de Deus ao comerem o maná.

Não o podiam produzir por si mesmos, nem obtê-lo de alguém mais. Não havia loja alguma onde o pudessem comprar.

Somos dependentes de Cristo para a comida espiritual, mas precisamos de a comer nós mesmos. Embora o maná fosse de graça, eles tinham, por seu lado, de o colher cada dia e comê-lo.

Comida Material

Os nossos monitores e dirigentes da Escola Sabatina não podem colher a nossa comida espiritual por nós. Precisamos de fazer a nossa própria leitura e estudo. Precisamos de nos alimentar a nós próprios a fim de permanecermos fortes e saudáveis. Os filhos de Israel colhiam o maná de manhã cedo. Cada dia antes de as pessoas volverem a sua atenção para outras coisas, eles colhiam o maná. Se não fosse colhido cedo, este derreteria-se e desaparecia. Precisamos de saborear uma porção da Palavra de Deus antes de começarmos o nosso dia, ou de contrário, o nosso desejo e necessidade por comida espiritual se derre-

terá pelo calor das nossas actividades diárias. Dedicamos tempo para as nossas refeições, do mesmo modo deveríamos dedicar tempo para o estudo da Bíblia.

Os Israelitas foram influenciados pela multidão mista que saiu do Egipto com eles (Num. 11:4). Os Israelitas ansiavam pela comida do Egipto.

Anseiam vocês pela «comida» do mundo e por abandonar Jesus? Necessitais de volver de novo os vossos olhos para a Bíblia e desviá-los da multidão mista? Há alguém ou alguma coisa a distrair-vos de Deus? Desportos? Os vossos amigos? A T.V.? A Família? Todos nós precisamos de nos encontrar com Deus de manhã, antes do sol aquecer e derreter o nosso desejo de aprender acerca d'Ele.

(Pedi às crianças para decidirem consagrar 15 minutos cada manhã e cada noite ao estudo da Bíblia e da Lição da Escola Sabatina).

Comida para todos

Há comida espiritual para todos, mas vocês precisam de se esforçar por obtê-la por vós mesmos; então o Espírito Santo ajudar-vos-á a compreender o que lerem.

Eles deviam comer comida suficiente para encher 50 vagões dum comboio.

No Extremo Oriente muitas crianças ajudam a conduzir reuniões evangélicas e falam às pessoas de Jesus. Crianças mesmo de 5 ou 6 anos de idade já sabem pregar um sermão. Como é que elas fazem? Após o culto vespertino, isto é, da noite, a família passa 15 minutos a decorar versículos da Bíblia relacionados com um determinado tema. Aprendem todos os versículos que conseguem encontrar na Bíblia sobre esse tema. Depois, como família, agrupam os versículos em forma de sermão. Es-

te sermão é decorado por toda a família. Depois, com a ajuda do Espírito Santo, as crianças estão habituadas a pregar um sermão ou a dar um estudo bíblico.

Eis aqui alguns versículos sobre um tema que vocês podem começar a decorar. A Segunda Vinda: Salmos 50:3; Zacarias 1:14; Mateus 24:27, 31, 36; João 14:1-3; Actas 1:11; I Tessalonicenses 4:16-17.

(Orai por uma obra de salvar almas a ser realizada na vossa área)

Texto-base para esta lição: Êxodo 16:1-26.

TERÇA-FEIRA,
28 DE NOVEMBRO

Um Teste de Lealdade

O Sábado é uma bênção e uma alegria. Mas por outro lado é um teste. Não um teste feito pelos homens, mas por Deus. Ele distingue entre aqueles que servem a Deus e os que O não servem.

A razão por que Deus separou um dia por semana é para podermos conhecê-lo O melhor. Ele deseja que apreciemos a nossa amizade com Ele nesse dia especial. Quando vocês desejam conhecer alguém melhor, despendem tempo com essa pessoa, falam com ela e pensam nela. O mesmo é verdade no que diz respeito a construirmos uma amizade com o nosso Deus. E embora qualquer ocasião seja boa, o dia especial para companheirismo com Ele é o Sábado. Esta é a Sua vontade.

Na criação do mundo, a Bíblia diz-nos que «no sétimo dia (Deus) descansou de toda a Sua obra. E Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o» (Gén. 2:2, 3). E Jesus, nosso perfeito exemplo, obedeceu ao quarto mandamento ao ir regularmente «à sinagoga no Sábado» (Lucas 4:16).

Deus nunca muda. Nem a Sua lei. E o Sábado nunca mudou desde a criação. Mesmo na Terra renovada, isto é, na Terra Nova, os filhos de Deus ainda assim observarão o Sábado (Isa. 66:22-23).

A Bíblia diz-nos que o Sábado deve ser observado a partir do pôr-do-sol de Sexta-feira até ao pôr-do-sol de Sábado (Lev. 23:32; Êxo. 16:23; Jer. 17:22). Ao observarmos o Sábado, fazemos coisas que nos fazem pensar em Deus, tais como ler as nossas Bíblias, cantar hinos espirituais e passear na natureza entre as belas coisas que Deus criou para nós.

Sexta-feira é o dia de preparação para o Sábado. Mas nós devemos começar a preparação ainda mais cedo. Todas as compras, cozinhados e limpezas devem ser realizados antes de chegar o Sábado. O nosso vestuário de Sábado deve ser preparado, os nossos sapatos limpos. Não devemos permitir que o nosso próprio trabalho se intrometa no tempo santo de Deus. Todos os assuntos seculares devem ser postos de lado no Sábado (ler Isa. 58:13, 14).

Deus declara na Sua Palavra que o sétimo dia é um sinal entre Ele e o Seu povo escolhido — um sinal ou teste da sua lealdade. O Sábado é o convite pessoal de Deus para nós despendermos tempo para O conhecermos melhor. Fazemos isto ao irmos à Escola Sabatina e ao Culto.

(Perguntai às crianças o que mais podem fazer para tornar o Sábado agradável. Leiam e discutam alguns dos textos seguintes: Êxodo 31:16, 17; Ezequiel 20:12, 20; Mateus 12:8; Lucas 4:16; 23:56; Hebreus 4:4; Êxodo 16:23; Mateus 12:12; Isaías 66:23.

O Joaquim enfrenta um teste

O Joaquim era o filho de pais missionários na Índias Orientais Holandesas. Quando era pequeno, frequentava a escola oficial, que tinha lugar durante 6 dias por semana, mas ele nunca ia ao Sábado. Durante os seus primeiros anos de escola, os professores castigavam-no por ele não ir ao Sábado. Todavia, notaram que ele era um bom aluno e que tinha sempre os seus deveres de casa feitos na Segunda-feira.

Os anos decorreram até que chegou o último ano do seu curso e os exames

finais. Estes exames estavam marcados para toda a semana e os mais importantes para o Sábado. Após discutir a difícil situação com o seu pai, o Joaquim fez a sua própria decisão: «Não farei os meus exames no Sábado! Serei leal a Deus.» A família e os amigos de Joaquim oraram por ele.

O pai de Joaquim viajou 965 Km para falar sobre o assunto com os mais elevados oficiais da educação na capital.

«Impossível», responderam eles.

Mas um conselho especial reuniu-se. «Se dois alunos adoecessem,» alguém sugeriu, «teríamos de marcar o exame para outro dia em vez do Sábado.»

O Joaquim começou os seus exames na Segunda-feira. Ele nem sequer mais pensou nos exames de Sábado; isso era o problema do Senhor. A semana passou-se rapidamente. Na Sexta-feira de manhã, quando o Joaquim saía para a escola, ele disse a sua mãe: «Estou ainda tentando obter as melhores notas, mesmo que não possa obter o diploma.»

Sexta-feira à tarde ele correu para casa muito excitado. «Vocês nem acreditam o que aconteceu.»

— O quê? — perguntou a mãe.

— Dois rapazes ficaram hoje doentes e não puderam vir à escola!

O Joaquim explicou então que o professor recebera um telegrama que dizia: «Façam os exames especiais na Segunda-feira para os rapazes impossibilitados de os fazerem na Sexta-feira e Sábado.»

O professor entregou o telegrama ao Joaquim e perguntou:

— Tu virás?

— Sim, eu virei!

O professor apertou a mão de Joaquim e disse:

— Oh, Joaquim, sê fiel até à morte.

Na cerimónia de entrega de diplomas o director do Colégio apertou a mão de Joaquim e disse:

— Apreciamos a tua coragem. Precisamos de mais jovens como tu que têm coragem de fazer aquilo que sabem ser certo.

O Joaquim tinha sido uma testemunha de Jesus junto dos professores, alunos e do director da escola do governo.

QUARTA-FEIRA,
29 DE NOVEMBRO

Um grande Milagre

O cortex do cérebro (isto é, a camada exterior do tecido cerebral) tem sido assemelhado a um computador. O cortex recebe impressões das coisas que uma pessoa vê, ouve, cheira, saboreia e toca. Arquiva cada som, gosto e acção que recebe. O computador cerebral nunca perde informação alguma que lhe é fornecida.

Treze biliões de células nervosas no nosso cérebro operam juntas para nos fazer pensar, sentir emoções (tais como temor e alegria), e formar atitudes, que afinal formam o nosso carácter.

Os seres humanos não possuem o maior cérebro no mundo. O cérebro de um elefante pesa cerca de 5 kg; o de uma baleia cerca de 2 Kg; e o de um ser humano pesa apenas cerca de 1,4 kg. Nesta massa de 1,4 kg existe um computador milagroso. Nós podemos pensar e escolher, decorar e recordar. Se alguém conseguisse construir um computador com capacidade equivalente ao do nosso cérebro, seria necessário algo tão grande como um navio de guerra para o albergar.

Poder de escolha

Deus deu-vos o poder de pensar, criar, planear, falar, orar. Vós sois o Seu maior milagre. Vós sois um ser vivo que vos podeis adaptar a quase qualquer clima, prova e desafio — na escola ou em casa. E pensai só nisto, Deus deu-vos também o poder de escolha.

O vosso cérebro está pronto para ser usado. O que tendes feito e fareis com este tremendo computador na vossa cabeça? Estais exercitando a vossa mente agora mediante a leitura e a memorização das Escrituras? E na escola também

decorais coisas? A fim de treinar o vosso cérebro para que ele funcione como Jesus deseja, deveis introduzir nele a informação correcta.

Nós temos o poder da escolha. Podemos controlar a maneira de pensar e agir. Se virmos programas violentos de T.V. ou lermos histórias corruptas, temos a tendência de imitar o que vemos e lemos. Se, por outro lado, pensarmos em ajudar pessoas, sendo amáveis e louvando a Deus, o nosso cérebro desenvolve o hábito de estimular-nos a fazer coisas amorosas em favor de outros. A escolha é nossa.

Os nossos pensamentos constituem uma grande parte da nossa vida. Maus pensamentos podem até pôr-nos doentes. Como aprendemos, mensagens saem do cérebro e vão a todas as partes do corpo através dos nervos e mensageiros químicos chamados neurotransmissores. Se lermos livros ou virmos programas que retratem ódio e maldade, tornamo-nos eventualmente semelhantes àquilo que lemos ou vemos. Bons pensamentos programados na mente são tão importantes para nos mantermos saudáveis e felizes como a boa comida o é para o corpo.

Rebelião no Céu

O mau pensamento de Lúcifer ocasionou rebelião no Céu. Um terço das hostes celestiais deram atenção às suas palavras e seguiram-no no seu mau curso. Como resultado desta rebelião, Lúcifer e os seus anjos foram expulsos do Céu. Quando Deus criou Adão e Eva e os colocou no Jardim do Éden, Lúcifer veio ao Jardim e plantou as sementes de mau pensamento nas suas mentes. Eles começaram a questionar Deus. Como resultado caíram sob as más sugestões de Lúcifer e perderam o seu lar paradisíaco. Desde esse dia os pensamentos dos seus filhos passaram a estar em contradição com os de Deus.

Meditai um pouco sobre a vossa conversação. Costumam vocês falar frequentemente das faltas de outros ou qualquer outra maledicência? Ou costumam louvar a Deus por tudo aquilo que Ele vos dá diariamente? Maus pensamentos assim como bons pensamentos tornam-se em acções, as acções tornam-se em hábitos, e os hábitos formam o

carácter. Por conseguinte, devemos pedir a Deus para nos ajudar a programar bons e agradáveis pensamentos nas nossas mentes de modo a vivermos felizes e alegres com eles.

O apóstolo Paulo resume num versículo seis coisas em que devemos pensar: «Fixai os vossos pensamentos naquilo que é verdadeiro, bom e recto. Pensai nas coisas que são puras e amorosas, e demorai-vos nas coisas belas e boas dos outros. Pensai em tudo aquilo que dê louvor a Deus e alegrai-vos nisso» (Fil. 4:8, TLB).

A receita da tia Marta

— Mãe, — disse Edite vagarosamente — não calcula como gosto de visitar a tia Marta. A tia Marta está sempre muito bem disposta, e eu sei que ela gosta mesmo do pão e bolo caseiros que a mãe faz para ela.

— O seu agradecimento é o segredo das tuas agradáveis visitas a ela, estou certa, — disse a mãe.

— Não, mãe, — respondeu Edite. — É a sua bela cara que me atrai. Quando me venho embora de lá, sinto-me sempre com a mesma disposição dela. Gostava de ter uma cara amorosa; então todos gostavam de mim como gostam da tia Marta.

— Porque não segues a receita dela? Então terás uma cara amorosa, — disse-lhe a mãe.

— Receita, mãe? — perguntou a Edite. — Ela não faz nada para se tornar atractiva.

— Ela o fez certamente, Edite. É uma receita que todos podem seguir e ter os mesmos resultados. Tudo o que precisas de fazer é ter bons pensamentos acerca de Deus e do Seu amor e bondade para connosco. Bons pensamentos produzem uma cara bonita, bela. Pós e pinturas não o podem fazer. Bons pensamentos nos quais mais nos demoramos serão expressos na nossa cara.

— Edite, — continuou a mãe — nunca permitas que a tua mente se demore em pensamentos maus e amargos. Com o tempo os pensamentos belos, puros e altruístas revelar-se-ão na tua cara. São os pensamentos e as boas acções da tia Marta que a têm tornado bela e atractiva.

(Leiam e discutam alguns dos seguin-

tes textos: Salmos 139:23; Provérbios 12:5; Mateus 15:19; Marcos 7:21, 22; II Coríntios 10:5. Orai e pedi a Deus que vos ajude a demorar-vos em bons e puros pensamentos.)

QUINTA-FEIRA,
30 DE NOVEMBRO

Os Dois Positivos

Moisés escolheu um homem importante de cada uma das 12 tribos de Israel para irem a Canaã e espiarem a terra. Como era a nova terra? Eram as pessoas boas ou más? Viviam elas em cidades? De que eram as casas feitas? Que culturas se faziam na terra? Moisés queria que os homens trouxessem de volta um relatório completo. Nas suas palavras de despedida, disse-lhes: «Sede corajosos e por favor trazei alguns frutos de volta.»

Os espías encontraram algumas coisas boas em Canaã, tal como Deus havia prometido. Viram ribeiros com água cristalina a correr e abundância de frutos e vegetais. A terra era tão boa, que produzia quase de tudo. E as pessoas eram quase todas muito altas!

Após 40 dias, estes 12 homens trouxeram de volta um relatório a Moisés: «É uma grande terra com abundância de leite e mel e muitas coisas boas para comer. Vejam estes belos frutos.»

Não podemos conquistá-la!

Mas 10 deles expressaram dúvidas. «Todavia, as pessoas são gigantes — sentíamo-nos como gafanhotos ao pé deles. E as cidades são muradas com grandes muralhas. Não podemos começar a conquistar aqueles povos!»

No meio da sua discussão, Calebe, um dos 12, avançou para acalmar a multidão murmuradora. «Avancemos de

imediatamente», disse ele. «Com a ajuda de Deus seremos capazes de tomar a terra.» Calebe sabia que Deus havia prometido a terra aos filhos de Israel, e os conduziria até à vitória. Mas os outros 10 espías responderam: «Isso não pode ser!»

Quando Deus prometeu a terra aos filhos de Israel, Ele sabia que havia lá grandes cidades muralhadas. Sabia também que havia gigantes, mas não esperava que o povo conquistasse a terra sozinho. A batalha era Sua. Ele apenas desejava que eles confiassem n'Ele.

Calebe e Josué tentaram convencer o povo a confiar em Deus, mas eles preferiram dar ouvidos à dúvida expressa pelos 10. Extremamente perturbados com o relatório negativo e a maneira como o povo se sentia, Calebe e Josué rasgaram os seus vestidos perante Deus em sinal de tristeza. Mas o povo acusou Moisés de os ter tirado da Terra do Egipto e quiseram apedrejar Calebe e Josué.

Deus ficou muito desagradado. Ele instruiu Moisés para informar o povo de que tinham de vagar 40 anos no deserto e que todos de 20 anos e daí para cima aí morreriam — excepto Calebe e Josué.

Dez homens não creram em Deus e apresentaram um relatório desencorajador acerca da terra. Dois homens creram n'Ele e tinham fé de que Ele lhes daria a vitória se n'Ele confiassem.

Vós e eu estamos num de dois grupos: o grupo duvidoso dos 10 ou o grupo crente dos 2 que seguiram em tudo a Deus. Quando rendemos os nossos corações à descrença, colocamo-nos sob o controlo de Satanás. Mas devemos lembrar-nos de que Deus pode fazer qualquer coisa se Lhe permitirmos operar em nós. Maus pensamentos assim como bons pensamentos amadurecem em acções.

Qual é a vossa atitude na escola? Quando o professor vos dá um trabalho de casa, dizeis: «É muito difícil. Não consigo fazê-lo!» Ou dizeis: «Posso fazê-lo com ajuda de Deus»? Pensem nos programas da igreja — Desbravadores e Campanha das Missões. Dizemos nós: «É muito difícil, estou com muito receio», em vez de sermos alegres e felizes? Quando chegar a altura da

Campanha das Missões, porque não dizer: «Eu posso fazê-lo com a ajuda de Deus.» Se mantiverdes uma atitude positiva, os vossos amigos irão captar o vosso entusiasmo.

O Missionário

Com a idade de 10 anos, Jónatas decidiu dar a sua vida a Deus e tornar-se missionário. Ele contou ao seu amigo Miguel acerca da sua decisão de se baptizar, ir para o seminário e preparar-se para a obra do Senhor.

Oh, não faças isso, — disse-lhe o amigo. — Tu terás de renunciar aos confortos do lar e viver onde há poucas lojas grandes e talvez nenhuma T.V.! Porque não vais para a universidade com alguns dos outros rapazes, de modo a formar-te e poderes depois ganhar muito dinheiro? Não penso que possas enriquecer sendo missionário. Ser missionário é um sacrifício muito grande para mim — disse Miguel.

«Nós sentiamo-nos como gafanhotos!»

No dia seguinte enquanto Jónatas descia do autocarro, Miguel anunciou aos outros meninos: «Ali vem São Jónatas. Ele quer ser missionário. Vamos dar-lhe uma grande oração!»

Os meninos troçaram de Jónatas durante semanas, mas um dia após a aula de Bíblia, ele levantou-se e disse: «Estou pronto para fazer seja o que for que Deus desejar na minha vida. Sei que encontrarei felicidade em trabalhar para Ele».

Estais vós dispostos a estar 100 por cento disponíveis para aquilo que Deus planeia para vós? Estais disponíveis para Deus vos usar agora?

(Monitor, faça um convite às crianças para se unirem à classe baptismal. Explique que por estarem na classe baptismal não significa que tenham de baptizar-se. Encoraje os mais velhos a, pelo menos, se unirem à classe. Leia e discuta alguns dos textos seguintes: Filipenses 4:13; II Pedro 3:9, 17; Êxodo 32:29; Provérbios 23:26.)

Texto-base desta lição: Números 13 e 14.

SEXTA-FEIRA,
1 DE DEZEMBRO

Segue-me

Um dia, num aeroporto, vi um pequeno Volkswagen com um grande dístico amarelo na traseira que dizia: «Segue-me». Quando chegava um avião, eu observava o pequeno carro guiar o avião para o local de estacionamento. Mas o que aconteceria se aquele carro fosse para área de estacionamento errada? Ou o que aconteceria se o avião decidisse não seguir o carro?

O nosso amor a Deus é medido pela nossa disposição em O seguir cada dia. Jesus disse a Pedro: «Segue-Me tu». Noutras palavras, não prestes atenção àquilo que os outros façam, segue-me apenas, se desejas ter vida eterna. Aquela avião no aeroporto seguiu o carro porque o piloto desejava que os seus passageiros chegassem com segurança ao local de desembarque. Nós podemos seguir com segurança a Jesus e convidar os nossos amigos e familiares a juntarem-se a nós em segui-l'O.

Noutra ocasião Jesus disse a Pedro e André: «Segui-Me, e Eu vos farei pescadores de homens» (Mat. 4:19). Estas palavras contêm tanto uma ordem como uma promessa. Jesus queria que eles compreendessem que se O seguissem, Ele tornaria as suas vidas aquilo que Deus deseja se tornassem. Pedro e André não questionaram por que razões deveriam seguir a Jesus. Nem apresentaram quaisquer desculpas. Eles aceitaram apenas o convite de trabalhar para Jesus.

O pequeno pregador

Um dia uma senhora estava ocupada a varrer e a limpar a sua casa quando ouviu um bater na sua porta. *Quem será?* pensou ela para si mesma. Quando ela abriu a porta, um pequeno rapazi-nho de 10 anos de idade estava à sua porta com alguma coisa debaixo do bra-

ço. O seu cabelo estava bem penteado e a camisa bem abotoada e limpinha.

— Bom dia, senhora, — saudou-a ele com um caloroso sorriso enquanto olhava para ela directamente nos olhos. — Gostaria que eu lhe desse um estudo bíblico?

— Dares-me o quê? — perguntou a senhora com surpresa.

— Um estudo bíblico.

— Bem, eu... eu... oh, está bem, tu podes dar-me um estudo bíblico se tu o desejas — disse a senhora.

— Muito bem, então na próxima Quarta-feira à tarde, às 15,30 h, estarei aqui, — respondeu ele.

Às 15,30 h da tarde da Quarta-feira seguinte, ouviu-se um bater à porta.

— Boa tarde, senhora, — saudou-a ele com amabilidade. — Vim para lhe dar um estudo bíblico.

— Oh, hoje é Quarta-feira, não é? E são exactamente 15,30 h. Entra — disse ela.

Depois de uma oração, ele fez-lhe uma pergunta que ela não soube responder. Antes de ela se sentir demasiado embaraçada, o rapazi-nho indicou-lhe um texto bíblico onde podia encontrar a resposta. Ele fez outra pergunta e leu a resposta na Bíblia. Através do estudo, eles continuaram a ler alternadamente as respostas da Bíblia.

Por fim, o rapaz disse: «Por agora é tudo. Gostaria de ter outro estudo bíblico na próxima Quarta-feira?»

— Oh, sim. Tu podes vir na próxima Quarta-feira outra vez para me dares outro estudo bíblico.

Deste modo durante muitas Quartas-feiras o rapazi-nho de 10 anos deu estudos a esta senhora. Então um dia a senhora disse-lhe que queria unir-se à sua igreja.

— Bem, ou vou trazer o meu pastor na próxima vez e a senhora pode falar com ele.

Na Quarta-feira seguinte o pastor e o rapazi-nho vieram juntos à casa daquela senhora.

— Este é o meu pastor, — disse o rapaz. O pastor entrou e deu um estudo bíblico à senhora. Nas semanas seguintes deu-lhe um por semana.

O Baptismo

Num Sábado de manhã após o seu sermão habitual, o pastor disse:

— Vamos ter uma cerimónia baptismal hoje. Todos aqueles que se vão baptizar, por favor venham à frente e sentem-se neste primeiro banco. Depois quero que cada um de vós se levante e diga como ouviu falar pela primeira vez de Jesus.

Cinco daquelas pessoas levantaram-se e disseram: «Um rapazinho de 10 anos veio à minha casa e estudou comigo».

O pastor pediu ao rapazinho para vir à frente. (Archa O. Dart, *Tips for Storytellers* (1966 ed.), págs. 114-117; adaptado).

(Peça às crianças para discutir o que elas podem fazer para ajudar outros a aprender como seguir a Jesus. Se possível leve-os a alguma planeada saída missionária.

Leia e discuta alguns dos textos seguintes: Salmos 9:11; 107:22; 118:17; Provérbios 14:5; Isaías 43:10-12; 55:4).

SÁBADO, 1 DE DEZEMBRO

Vivendo com Jesus

(Comece por ler na Bíblia os seguintes textos: Apocalipse 22:12; 1:7; 1 Tesalonicenses 4:16, 17).

Quando Jesus voltar outra vez haverá um grande som de trombeta e um alarido que se ouvirá em todo o mundo. No céu veremos uma nuvem que se tornará cada vez maior e mais brilhante. Ao aproximar-se da terra, nós veremos o nosso amado Jesus no meio desta nuvem brilhante, usando uma coroa de glória, acompanhado de milhares e milhares de anjos.

Cada pessoa na terra verá Jesus a vir. Aqueles que O têm aguardado ficarão excitados. Jesus chamará à vida o Seu povo que morreu antes disto. Então os anjos voarão a todas as partes do mundo para os levar a Jesus.

Os santos vivos serão transformados

num momento, e arrebatados nos ares juntamente com os ressuscitados. Juntos encontrarão o seu Senhor nos ares, cantando um grande cântico de vitória.

«Em cada lado do carro de nuvem havia asas, e debaixo dele rodas vivas; e movendo-se o carro para cima, as rodas clamavam: «Santo», e as asas, movendo-se, clamavam: «Santo», e o séquito de santos anjos em redor da nuvem clamava: «Santo, santo, santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso!» E os santos na nuvem clamavam: «Glória! Aleluia!» E o carro movia-se para cima em direcção à santa cidade. Antes de entrar na cidade, os santos foram postos em quadrado perfeito, com Jesus no centro. Estava Ele de pé, com a cabeça e ombros acima dos santos, e acima dos anjos. A Sua forma majestosa e adorável rosto podiam ser vistos por todos no quadrado.» (*Primeiros Escritos*, págs. 287-288).

Coroas e harpas

Um grande número de anjos traz coroas da Santa Cidade, com o nome do possuidor em cada uma.

Os anjos dão as coroas a Jesus, que, com a Sua própria mão direita, as coloca nas cabeças do Seu povo redimido. Do mesmo modo, os anjos trazem harpas a Jesus para as apresentar ao Seu povo. «Os anjos dirigentes desferiram em primeiro lugar a nota, e então todas as vozes se alçaram em louvor grato e feliz, e todas as mãos deslizaram habilmente sobre as cordas da harpa, emanando uma música melodiosa, com acordes abundantes e perfeitos.» (*Ibidem*, p. 288).

Depois disto Jesus conduz o Seu povo redimido para o portão da cidade. Abre o portão e convida-nos a entrar no Céu e no lar celestial com Ele. A irmã White diz: «Vi a hoste dos remidos prostrar-se e lançar as suas coroas brilhantes aos pés de Jesus; e então, levantando-os com a Sua adorável mão, tocaram as harpas de ouro e encheram todo o Céu com a sua rica música e com cânticos ao Cordeiro.» (*Ibidem*, p. 289).

No meio da cidade está o trono de Deus e do Filho. Do trono flui o rio da vida, com a árvore da vida de cada lado do rio, arqueando sobre ele como uma sombrinha. Na árvore da vida há 12 espécies diferentes de fruto. Cada mês amadurece uma espécie. Jesus leva-

-nos à árvore e convida-nos a comer do seu fruto.

Depois de termos vivido no Céu por 1000 anos, Jesus vai fazer esta terra nova uma vez mais (Lede Isaías 65:17). Será outra vez como o Jardim do Éden. Não haverá mais mar, não mais haverá deserto. Poderemos correr, saltar e brincar sem nos cansarmos. E isso não é tudo: Jesus trará para esta terra feita nova a Nova Jerusalém.

A Cidade de Doze Fundamentos

«Jesus desceu sobre uma grande montanha, a qual logo que os Seus pés a tocaram, se repartiu de alto e baixo, e se tornou uma grande planície. Então olhámos para cima e vimos a grande e bela cidade, com doze fundamentos e doze portas, três de cada lado e um anjo em cada porta. Exclamámos: ‘A cidade! a grande cidade! Vem descendo de Deus, do Céu!’» (*Ibidem*, p. 291).

Que maravilhosa vida para nós aguardarmos! Nunca nos cansaremos, nunca precisaremos de óculos, ou suspensórios, ou muletas. Ninguém estará sozinho, ou temeroso, pois todos serão amigos. Até os animais não mais farão mal a ninguém.

(Dêem oportunidade às crianças para fazerem perguntas acerca do Céu. Leiam um texto bíblico e discutam-no. Escolham entre os seguintes: Isaías 11:6-9; 35:1-6; 65:17-25; Apocalipse 1:7; 21:22; João 14:1-3).

Acima de tudo, eu desejo dar um passeio com Jesus, dar-Lhe a mão, e contemplar as cicatrizes dos cravos nas Suas mãos. Desejo dizer-Lhe quanto O amo e agradecer-Lhe por tudo o que fez por mim.

Quereis estar preparados quando Jesus vier de modo a poderdes ir para o Céu com Ele? Manifestai o vosso amor por Jesus hoje ao convidá-l’O para a vossa vida.

(Encerrai com uma oração de consagração).

Material extra que pode ser consultado: *Testimonies*, vol. 1, págs. 67-70, 123-124; vol. 4, p. 418; vol. 8, p. 131; *O Grande Conflito*, págs. 662-663, 673-678; *Actos dos Apóstolos*, p. 591-592; *Primeiros Escritos*, págs. 17, 18, 41.

Alice Lowe, anteriormente Directora Associada do Departamento da Escola Sabatina das Crianças da Conferência Geral, escreve agora da Austrália, onde vive.